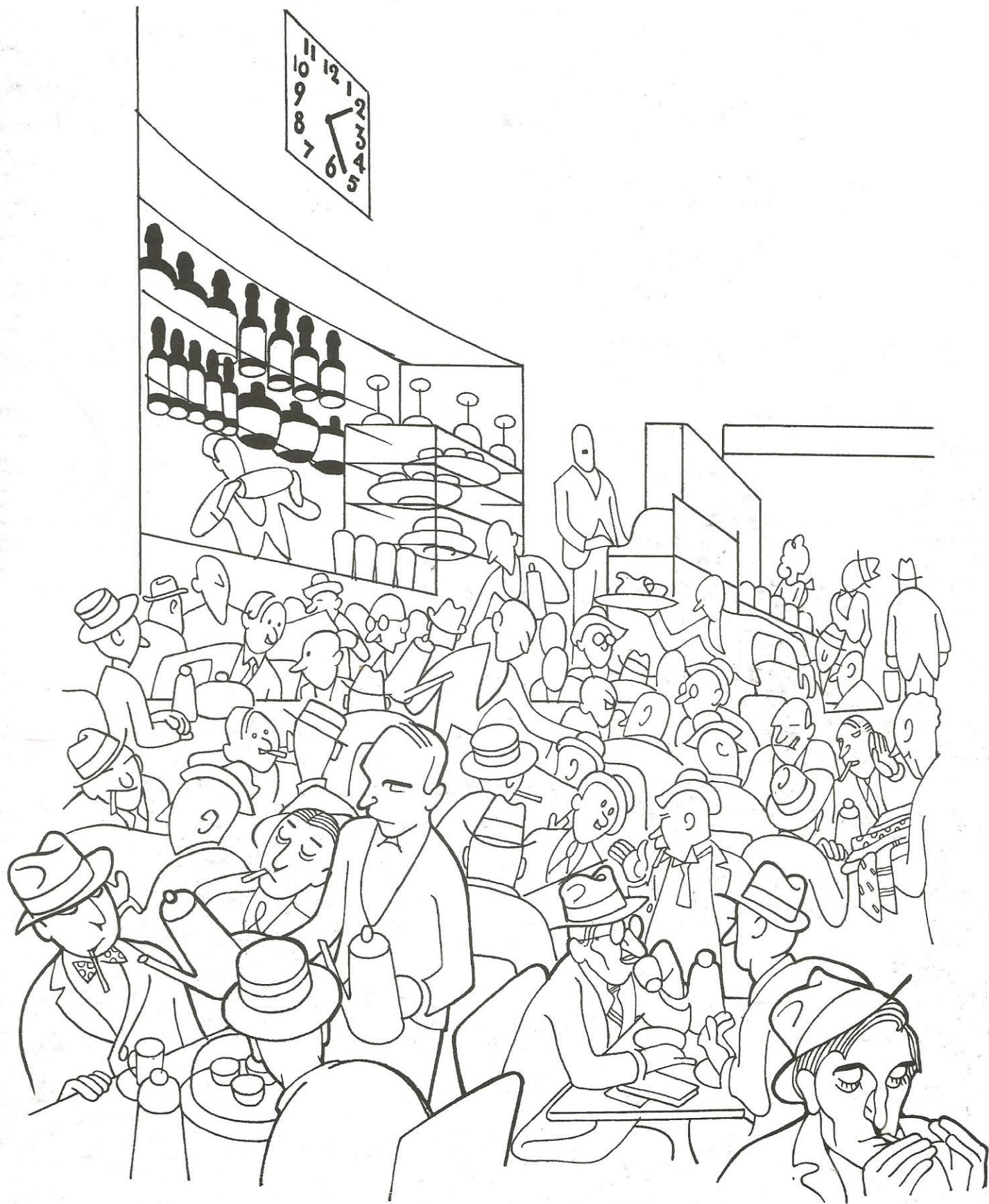




KYPAL

REVISTA DE LITERATURA

KYRIAL

ISSN 1982-1085

Ano III - Número 3 - novembro de 2010

revistakyrial@gmail.com

editores

Marcelo Cristiano Mantovani

Flávia Alessandra Alves

comissão editorial

Ana Raquel Motta de Souza, Carlos de Aquino Pereira, Cássia dos Santos, Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, Cynthia Belgini Andretta, Eliane Righi de Andrade, Erica Luciene Lima de Paulo, Fabiano Ormaneze, Jamil Cury Sawaya, Joana de São Pedro, Leny Pereira Costa, Lilian Rocio Borba, Liney de Mello Gonçalves, Liselotte C. H. Figueiredo, Luciane Moreira de Oliveira, Maria de Fátima Silva Amarante, Maria Inês Ghilardi Lucena, Mariana Baroni, Nair Leme Fobé, Tereza de Moraes e Terezinha Rivera Trifanovas

redator

Marcelo Cristiano Mantovani

revisão

Cleonice Furtado de Mendonça van Raij

capa e projeto gráfico

Fábio Bonillo

colaboração especial

Mário Cau

Julieta Sobral (PUC-RIO)

Ricardo Antunes (Revista Ilustrar)

Juan Carralón (Espanha)

Miriam Dominguez Requena (Espanha)

Agradecimento especial ao Sr. Eduardo Augusto de Brito e Cunha, filho de J. Carlos, pela disponibilização e autorização das imagens de seu acervo.

A tipologia utilizada no logo e nos títulos, chamada Samba, foi criada pelos designers brasileiros Tony e Caio de Marco e inspirada nos traços de J. Carlos. Os artistas gentilmente cederam sua utilização à revista.

colaboradores desta edição

Abilio Pacheco

Alcione Sortica

Alfredo Passini

Anderson Bonon

Barbara Leite

Cynthia Adame

Claudenir de Souza

Daniel Serrano

Davi Cartes Alves

Eliana Passos da Silva

Elissa de Moraes

Fábio Bonillo

Felipe Ferraz

Felipe Massahiro

Filipe Jordão Monteiro

Gabriel Cintra

Gabriela Andrade da Silva

Gabriela Theizen

Gisele Silva da Costa Cardozo

Jania Souza

Jaqueline Torrezin

Juliana Gonçalves Lins Bolzan

Julieta Sobral

Júlio César Braga

Karen Dias de Sousa

Leandro Las Casas Moreira Alves

Magali Fernandes Coelho

Maria Bertila Leal de Castro

Paulo Noboru

Philippe Gomes

Rafael Tomaz dos Santos

Raoni Duran

Raquel Cecília de Souza

Regina Araújo

Ricardo Antunes

Ronnie Lenno

Simone Pedersen

Sonia Gallo

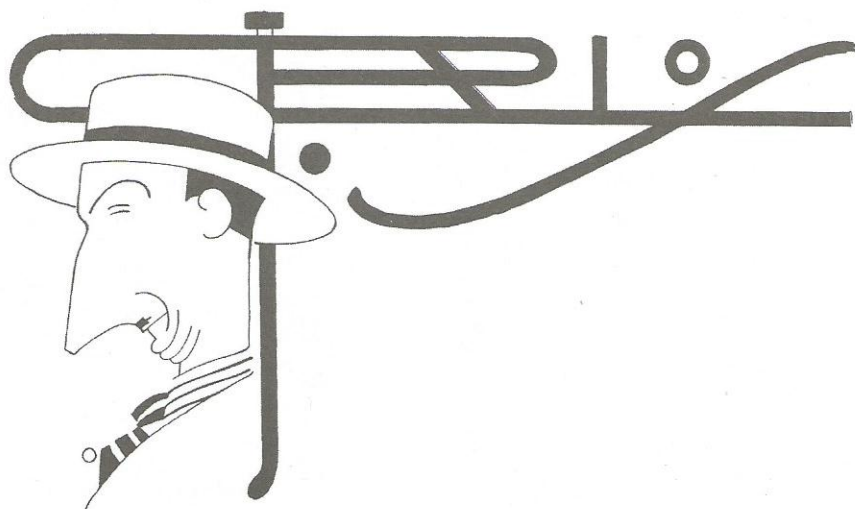
Wilson Gorj

KYRIAL

revista de literatura publicada pelos
alunos da Faculdade de Letras da
PUC-CAMPINAS, que hoje se
encontra em sua edição número



Ilustrações de J. Carlos
(José Carlos de Brito e Cunha — 1884-1950)



KYRIAL é uma publicação dos alunos da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotos ou ilustrações, por qualquer meio, sem autorização. Tiragem de 400 exemplares. Impresso na Discopel Gráfica e Editora Ltda – Valinhos – SP



S U M Á R I O

EDITORIAL: Um tempo memorável	5		
J. Carlos	7	22	Autores frustrados
Tempo mágico		23	Histórias para ninar
Quimera	9	24	Gaiolas
Ирония Ironia		25	Tons de cinza
Noite	10	26	Metamorphosis
These fag consumers		28	Cartas al capitán
As diversas faces do beijo	11	30	Madrugada
Digite a palavra que você vê na figura abaixo	12	32	A melindrosa
Dreams come true	13	33	O encontro
A força de um poeta		35	Se assim desejas...
Vou me consolar com as rochas	14	36	A curiosa estória de um certo Neguinho
Retrato II		38	Minúcias
Nada mais do que já deveria ser	15		Que pensez-vous du rytme de la vie quotidienne?
Teatro de Sombras	16	39	Alva Rosa
Siameses		40	Sem culpa
Coração humano	17	42	São Paulo
Virando adulta		44	Macunaíma: lugar de encontro das culturas que integram a identidade brasileira
Soneto II	18		
Flores azuis		47	CONTATO DOS AUTORES
Ser quem sei	19		
Para caber na lápide			
O dia seguinte do peru	20		
O sabor das lembranças	21		

EDITORIAL

Um tempo memorável

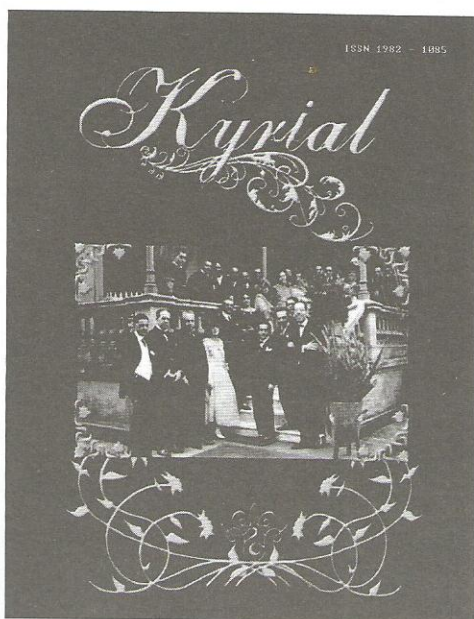
por Marcelo Cristiano Mantovani

QUANDO A 1ª edição da revista **Kyrial** foi lançada, em 5 de outubro de 2007, tudo o que tínhamos era o sentimento de termos plantado sementes férteis num caminho ainda desconhecido. Um tempo memorável que alimentou nossos sonhos e aspirações de jovens estreantes no mundo das Letras.

Em apenas um ano, já não éramos mais os mesmos, pois em 10 de outubro de 2008, nosso segundo núme-

de Londres, da casa de Gertrude Stein, em Paris, com o Chiado, em Lisboa. Uma mistura perfeita da Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, com a sempre lembrada Villa Kyrial, em São Paulo.

Aos erros e acertos, nossa pequena notável foi tomando corpo com o tempo. E embora o suporte digital tenha conquistado um território sem limites no campo editorial, optamos pelo formato impresso. Que feitiço romântico é esse que esta arte cria, em nós, e nos faz querer senti-la em suas camadas, texturas e cheiros? No entanto, partilhamos de dificuldades e do esforço homérico de sermos publicados no Brasil. Por isso, o caminho adotado foi um sistema de cooperação entre os leitores, cuja venda é realizada ao preço de custo da impressão,



ro era lançado. Crescemos muito e aprendemos mais. Conquistamos um espaço que nunca imaginamos alcançar. Tivemos, então, a certeza de que estávamos no caminho certo.

De alguma forma, a revista tornou-se um laboratório de criação dos autores que dela participaram, direta ou indiretamente. Notáveis ou estreantes, todos sempre conviveram em harmonia em nossas páginas. Ousamos ser um encontro de ideais e ideias, uma mistura da City Lights Bookstore, de São Francisco com o Bloomsbury



possibilitando, assim, a continuidade da revista. Nosso ganho sempre foi o de manter viva esta publicação.

Ao lançar a presente edição, percebo o grande privilégio de ter feito parte da vida dos autores e leitores. Que honra foi ter aprendido tanto com pessoas tão magníficas e diversas. Pessoas que, de alguma forma, mantiveram vivo o desejo de fazer dos erros, os acertos do futuro.

Mas esta não é uma edição de despedida. É apenas a despedida deste sempre aprendiz, como Editor. As sementes aqui plantadas germinaram uma árvore nobre, cujos galhos tocaram outras margens. Afinal, a nossa Língua tem uma vocação marítima; ela entende bem o ritmo dos ventos; leva-se e entrega-se à intranquilidade que norteia os nossos rumos. Sem dúvida, vivemos um tempo de novos ares e a renovação das folhas desta árvore envolvem as páginas de uma nova era.

Assim desejo, com todo o esmero que sempre tive por esta publicação, que venham novos ventos e que boas energias ocupem as linhas que ainda serão escritas nestas páginas. Que a literatura se renove e se agracie em versos, sons e ritmos, e o enredo indevassável do destino humano faça desta uma trajetória generosa, e ainda nos traga muitos frutos poéticos.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Flavia Alessandra Alves, grande amiga que ajudou a tornar o sonho deste projeto real. À querida Marcia Camargos, autora de *Villa Kyrial: Crônica da Belle Époque paulistana*, livro que nos inspirou em tantos momentos, por ter disposto de seu arquivo pessoal um material iconográfico riquíssimo e revelador. Do mesmo modo, ao Sr. Eduardo Augusto de

Brito e Cunha, pelas correspondências escritas à máquina, pelo belíssimo cartão desenhado por J.Carlos e pelas memórias lembradas em nossas conversas telefônicas. In memoriam, ao Timo de Andrade, por ter nos recebido em sua casa, revelando momentos memoráveis do avô Oswald de Andrade, e por ter participado com alegria do lançamento de nossa segunda edição. Ao professor Carlos de Aquino Pereira, meu maior incentivador nestes anos acadêmicos. À Nair Leme Fobé, por sua joie de vivre incansável, e à Maria Inês Ghilardi Lucena, diretora da Faculdade de Letras, por ter insistido na continuidade desta publicação. Aos queridos alunos Juliano Ferrari Barbosa (Publicidade e Propaganda) e Alexia Galvão (Letras), por terem contribuído infinitamente com seu talento na diagramação de nossas páginas. Ao Fabio Bonillo (Jornalismo), caríssimo amigo com tantos gostos em comum, por ter trabalhado minuciosamente com dedicada paixão à pesquisa iconográfica desta edição. Às queridas professoras que dedicaram seu precioso tempo revisando nossos textos, Graciete Pires Therezo, Liney de Mello Gonçalves e Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, sem as quais nossa revista jamais teria a qualidade de sempre. À professora de literatura Tereza de Moraes, cuja passagem por nossas vidas abriu caminhos e revelou mundos infinitos.

À Comissão Editorial, também composta por professores da universidade, por todo o incentivo e divulgação deste trabalho. Finalmente, aos maiores contribuidores deste projeto: os alunos, os autores e os leitores, para quem a literatura existe e se renova a cada dia.



J. CARLOS

por Ricardo Antunes
com colaboração de Julieta Sobral *

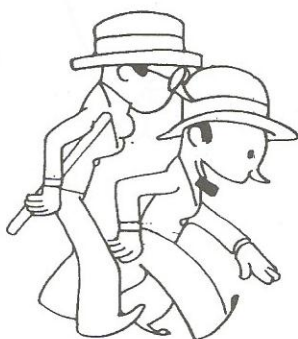
DÉCADAS DE 1920/1930. O que acontece quando um ilustrador de talento cresce no auge do movimento Art Déco e absorve muito de sua influência? O resultado é um artista de traço elegante, marcante e único. E ele é José Carlos de Brito e Cunha, ou simplesmente J. Carlos, considerado um dos maiores cartunistas do Brasil. Nasceu em 18 de junho de 1884, J. Carlos trabalhou muito, ampliando a sua atuação como artista.

Além de cartunista, foi também ilustrador, chargista, quadrinista, designer gráfico (um dos maiores da época), dirigiu revistas, fez esculturas, foi autor de teatro de revista e letrista de samba.

Mas foi sem dúvida como desenhista, com seu estilo bastante característico e traço elegantíssimo, que J. Carlos acabou se destacando, além de ter deixado para a história uma personagem que continua no imaginário de todos até hoje.

Qual mulher nunca quis se fantasiar de melindrosa, alguma vez, no carnaval?

Apesar de parecer absolutamente comum, nunca ninguém questionou o nome “melindrosa”... aquela mulher dos anos 20, com chapéu e vestido típicos,



toda sensual, elegante e independente. E, para a época, sinônimo de mulher moderna, urbana.

Essa é uma das muitas criações geniais de J. Carlos, captando de forma única personagens do dia a dia, em especial do povo do Rio de Janeiro, sua cidade natal, com seus sambistas, foliões e carnaval, além dos políticos da época.

Seu primeiro trabalho foi publicado na revista *Tagarela*, em 1902: um desenho com uma legenda explicando que aquele era um trabalho de principiante; mas logo passou a ser colaborador frequente, e já no ano seguinte desenhava a capa da revista.

Com um rápido crescimento profissional, trabalhou com todas as grandes revistas da época: *O Malho*, *O Tico-Tico*, *Fon-Fon*, *A Cigarra*, *Vida Moderna*, *Revista da Semana*, *O Cruzeiro*, e muitas outras, mas foi à revista *Careta* que mais se dedicou, durante a vida. Em 1941 Walt Disney vem para o Brasil para divulgar o filme “Fantasia”, e entre as várias home-

* Texto originalmente publicado na *Ilustrar – Revista Brasileira de Ilustração, Arte e Design* - Número 05 / 2008 (www.revistailustrar.com). Gentilmente cedido pelo editor Ricardo Antunes, designer gráfico, artista plástico e autor do Guia do Ilustrador. Julieta Sobral é fotógrafa, designer e professora da PUC-RIO. Neta do arquiteto Lucio Costa, é autora do livro *O Desenhista Invisível*, editado pela Folha Seca.

nagens, houve um almoço, oferecido pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em que foram convidadas grandes personalidades e artistas, entre elas J. Carlos.

Disney fez questão de sentar-se ao seu lado, fazendo o convite para trabalhar em seus estúdios... que foi recusado.

J. Carlos amava o Rio, e poucas vezes saiu da cidade, mas mandou para Disney uma ilustração sua... um papagaio, de chapéu e paletó, charuto e jeitão carioca, de malas prontas para os Estados Unidos.

Disney agarra a idéia, faz uma adaptação e surge o Zé Carioca.

Além de ter atuado de forma brilhante em várias áreas, J. Carlos também foi um artista dedicado. Calcula-se que tenha produzido mais de cem mil ilustrações.

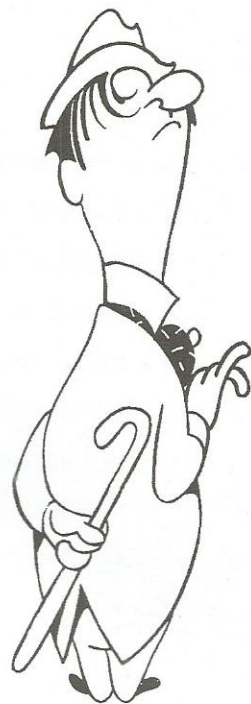
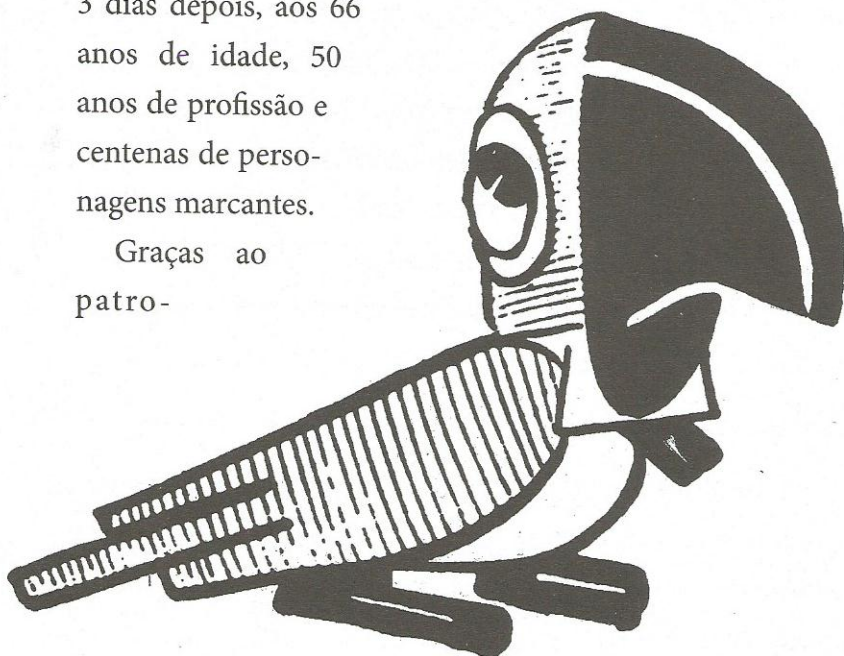
E para alguém que trabalhava tanto e com tanto amor, nada mais natural que ser vítima do trabalho.

Em 1950 teve uma hemorragia cerebral, quando trabalhava na sua prancheta, ao lado do compositor João de Barro, o Braguinha, durante a concepção de uma ilustração para a capa de seu próximo disco. Faleceu 3 dias depois, aos 66 anos de idade, 50 anos de profissão e centenas de personagens marcantes.

Graças ao patro-

cínio do Programa Petrobras Cultural, foram digitalizadas, em alta definição, nove anos de duas das publicações mais importantes no cenário nacional da época: *O Malho* e a *Para Todos* - entre 1922 e 1930, período no qual foram dirigidas por J. Carlos. Eduardo Augusto de Brito e Cunha, filho de J. Carlos, cedeu os exemplares para a digitalização em alta definição - que, ao final, foi doada à Biblioteca Nacional.

Todo o material, excepcional, está disponível para consulta pública no site dedicado a J. Carlos - J. CARLOS EM REVISTA, mostrando o seu trabalho como editor: <www.jotacarlos.org>.



TEMPO MÁGICO

por Raquel Cecília de Souza

Tempo mágico,
que escorre pelos dedos,
que passa pelos vãos
sem que se perceba sem que se dê conta
do que foi feito
de todos os instantes
que foram passados, sem serem sentidos
sem terem razão.

Tempo mágico
que se desfaz
como bolha de sabão
que se vai, uma ilusão
cheia de sonhos não sonhados
desejos frustrados, perdidos
no tempo sem tempo,
na vida sem vida
da minha frustração.



Ирония

por Андерсон Бонон

Чувство, человечество владеет
самым Благородным.
Однако скрывая это,
вы сами бежите от счастья.



QUIMERA

por Barbara Leite

Se eles me veem na rua
com olhar desesperado
proclamado em lágrima,
apressam-se em concluir:
— É choro de criança mimada!
E ali,
aconchegada à calçada,
meu pranto é santificado
perpetuando a crença
num mundo de caramelos
e almofadas

IRONIA

por Anderson Bonon

Sentimento, a humanidade possui o mais nobre
Entretanto os mascara, fugindo da felicidade.

NOITE

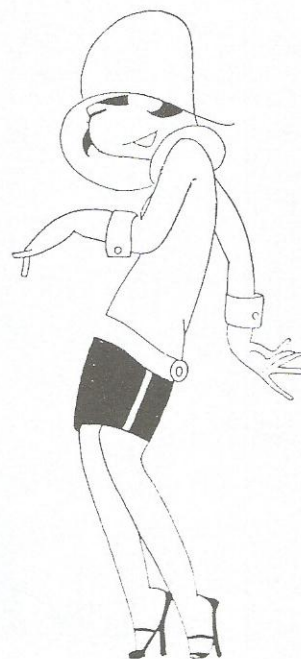
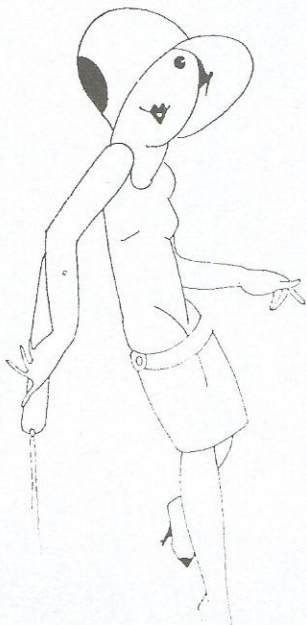
por Eliana Passos da Silva

Noite! Quem és tu
Para afligir e embelezar a vida?
Diga-me o porquê de suas andanças,
Pelas horas amenas
Aonde o passado veio chegar!

Tu! Que às vezes és tão bela
Transforma-se no vazio...
Sem sons, sem nomes...
A não ser raros perfumes,
Que o tempo não apagará...

Noite! Quando de lua cheia,
Tu te unes às estrelas
E com elas vais formar
A poesia mais bela
Que a mente não esquecerá.

Assim, nessa união
Em que o sentido atordoa
O vazio se evapora...
Perdendo-se, então,
Nos cânticos universais!



THESE FAG CONSUMERS

por Raoni Duran

These fag consumers
Aren't they all beautiful
We need not to worry about them
They are all safe inside their shopping carts
These fag consumers
They are so self confident
I wonder what are they confident about
I don't know, it's just a question
These fag consumers
Have allowed their money to be called pink
And not all colors of the rainbow
Not all they can be
What's the point of being made one with a group
Just so they can feed their demographics
And pretend they respect something
They really don't know it exists
Just so you can feel they love you
They really love you
They really do

AS DIVERSAS FACES DO BEIJO

por Jania Souza



Sou quente, molhado, terno, fagueiro
atiço veneno desejo
em teu coração.

Sou primeira e última carícia de mãe
no filho presente
e no filho ausente.

Sou desespero
permanente
no abraço da morte - separação.

Sou prenúncio à vida
no contato romântico em plena igreja
ou no contato furtivo
no escuro do cinema
ou por trás da parede do muro.

Sou canção de amor
na boca do povo
sedento de vida e de qualquer paixão.

Sou ousado, por vezes
tímido, muitas vezes
escondido na linha da boca,
quase sempre
vento suave nas curvas do corpo.

Sou quimera pro's aflitos
na hora da agonia.
Esperança nos olhos do humilde
em busca de carinho.

Sou leve ou duro
instável
mudo num segundo
qual pipa no ar.

Sou café com leite
frio ou quente
amasso de lábios
palavra muda
resposta aos sentidos
sussurro e grito - eco de amor
pleno - doce - eterno, meu último sabor.

mínia mounal feme altera
menes emul jude trices
tersis piti reles ices
fede fores arde dera

cupe sure subia rega
patil demil loqua ines
anga mono masta tices
dical fatom nostu dedra

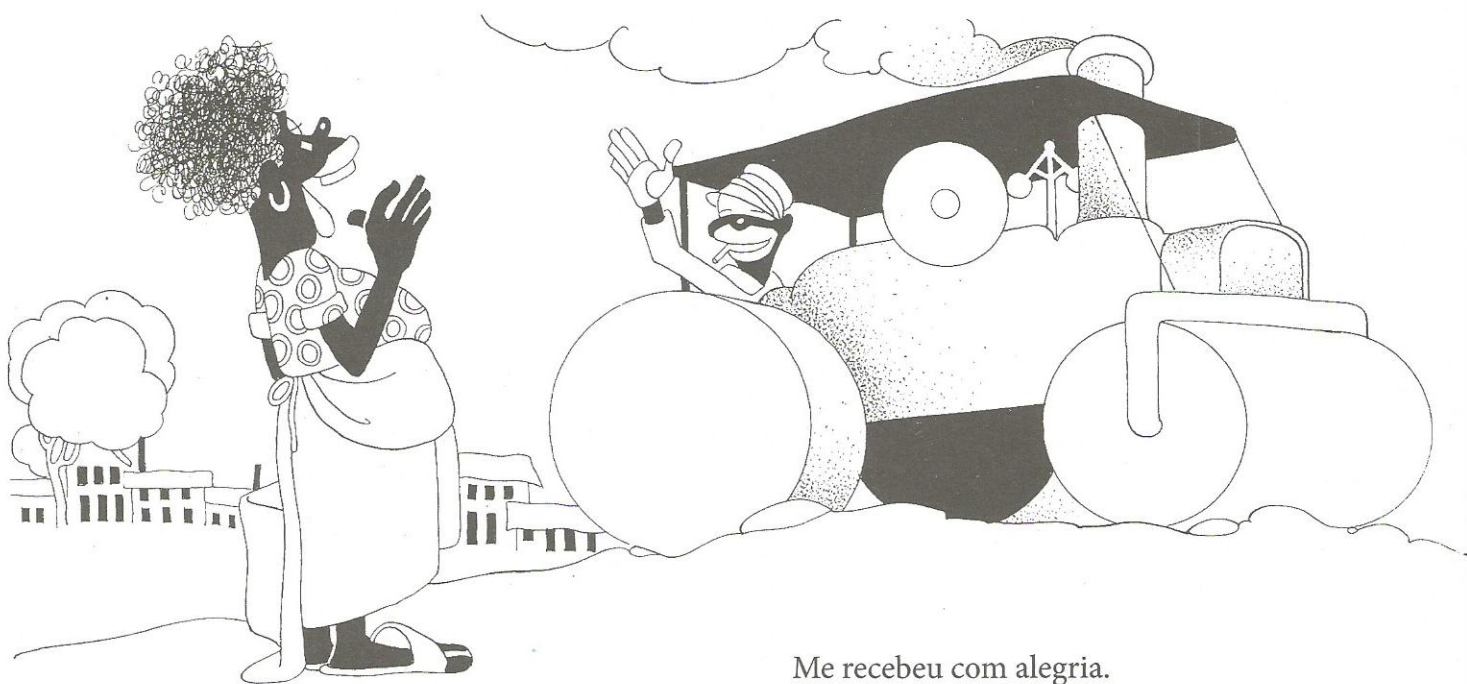
pete reco bile bolo
gingerfo logive ragra
Cora panica arida poto

lubo alis sorize haga
desse troche fote tono
rente peleda acra

DREAMS COME TRUE

por Gabriela Theizen

Everybody says that's impossible,
To make this happen,
The dreams that I dream
But I'll never change my mind.
You have to believe it
Then you gonna achieve it.
Dreams can come true,
So dream.
Everybody says that's one in a million,
The dreams that I dream
But I'm ready to take my chances.
Make it happen,
Then you gonna achieve it.
Dreams can come true.



A FORÇA DE UM POETA

por Regina Araujo

Me recebeu com alegria.
Me embalou na poesia.
Me encantou na autoria
e me encaminhou com diplomacia.

Hoje, além de muso
é amigo,
grande companhia à qual aduzo.
Necessário abrigo
em minha ousadia
ao viver na fantasia
de ser uma pretensa poeta,
sem deixar de ser uma mulher concreta.

VOU ME CONSOLAR COM AS ROCHAS

por Davi Cartes Alves



RETRATO III

por Abilio Pacheco

A Cecília Meireles

Eu também não tinha este rosto
assim tenso, assim denso, assim calvo,
nem olheiras e rugas
nem cabelos alvos.

Eu não tinha estes olhos de agora
tão rubros, tão turvos, tão vagos,
nem esta mão incerta,
nem dedos fracos.

Mal venho notando esta mudança
que lenta, constante e suave
do espelho vem desbotando
a minha face.

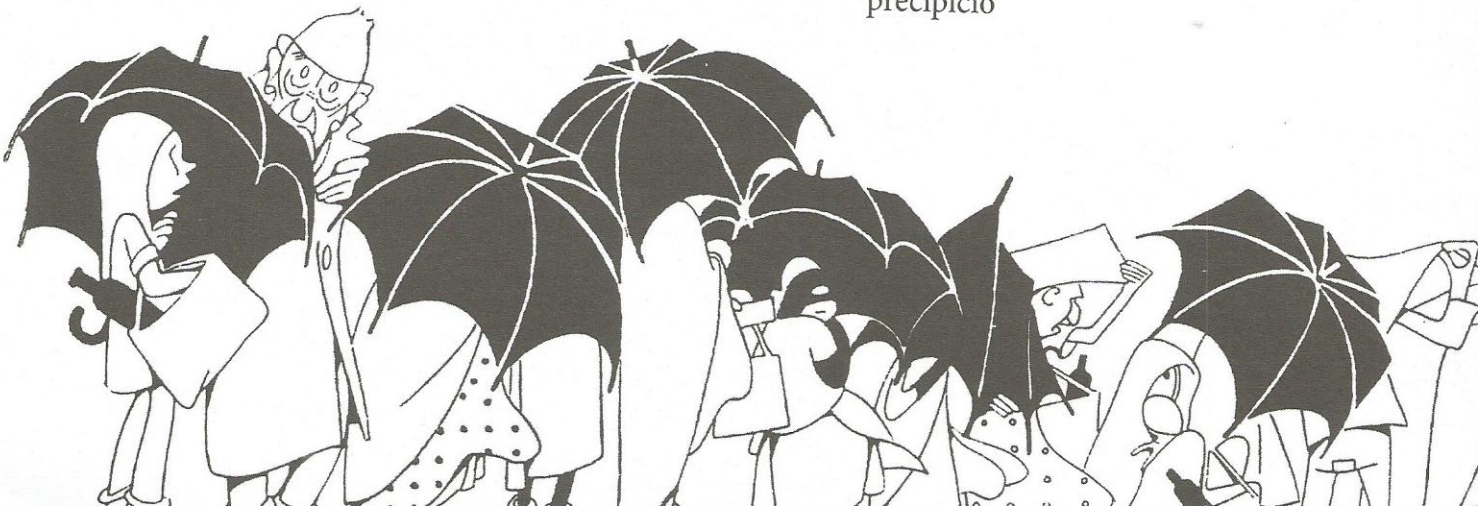
Vou me consolar com as rochas
neste império de filisteus
implorar aos espinhos chorosos
enjeitados do jardim
que afaguem os cabelos meus

suplicar à noite fria
um buquê de rosas negras
que perfumem e incensem a alma
desta densa melancolia

caldo de luar com gelo
sob a música da agonia
minhas porções de malmequer
como fina iguaria

pras serpentes peçonhentas,
que se debatem em seus caixotes,
um jasmim tingido de sangue
e novas cartas de alforria

juntamente com Artaud
devolver ao seu deus ambíguo:
“esta alma como um incêndio,
que o cure de criar” !!!
precipício

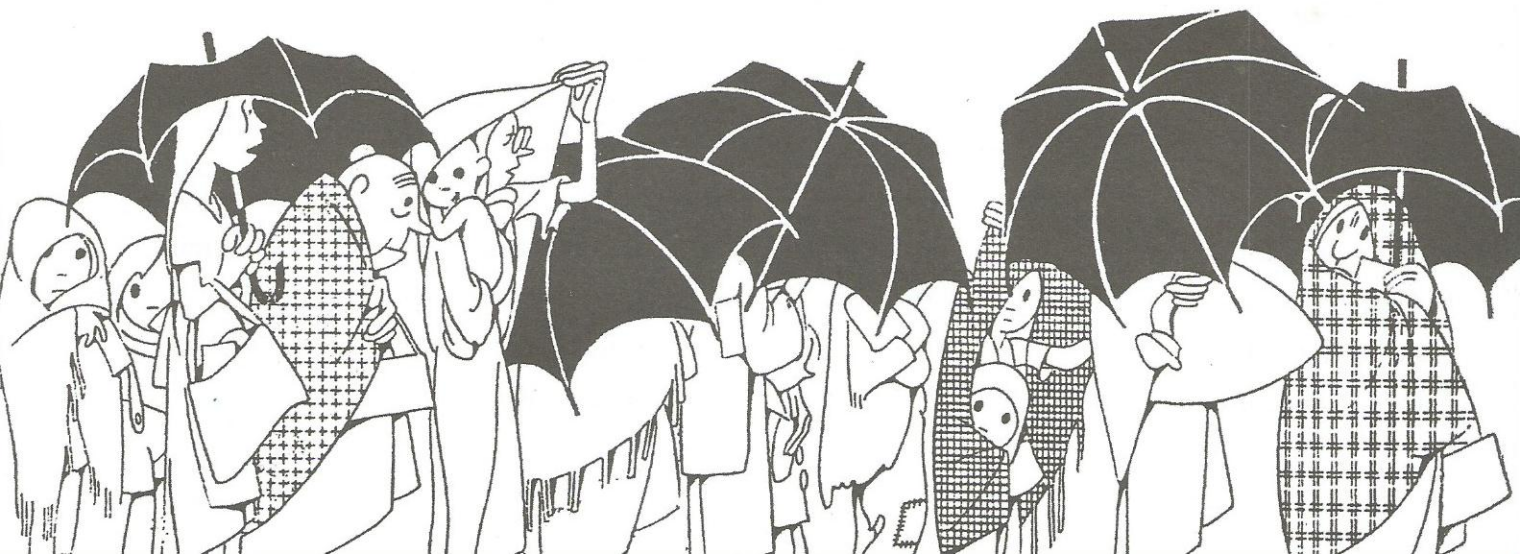


Esta mortalidade tão mal entendida
Com limites e verdades que não precisamos aceitar.
Esta vida tão mal vivida
Com direitos e espaços usurpados.
Sem princípios e cheia de buracos.

Deixo a certeza da morte para aqueles que a aceitam
A qual me foi empurrada e fiz questão de negar
Apontei minhas lanças de pensamentos e atirei minhas flechas racionais
Impedindo o movimento dessa verdade incontestável,
E com as minhas flechas, de maneira inefável,
Matei um conceito e criei uma verdade.
Criei um monstro.

Descobri o que tanto me incomodava.
Destruí essa mortalidade tão inconveniente.
Agora, deleito-me com a ambrosia e a eternidade.
Não sou mais o que espera o amor, e, sim, o que pode criá-lo.
Minha onipotência não pode mais ser questionada! Sou agora mais que um monstro.
Sou a mais pura divindade.

Sou agora, neste exato momento,
neste seu tempo mortal e faticamente destinado à monotonia,
O que as palavras mortais disseram que eu não poderia ser.
O que uma mortalidade mal entendida não sabia que existia
E o que uma vida mal vivida escondia.



TEATRO DE SOMBRA

por Gabriela Andrade da Silva

Arrevoa a parede
a borboleta negra.
Dinossauro pescoçado
arrasta-se pesadamente,
tromba no bico do pato
que a borboleta virou.
Na boca do jacaré
que abre-fecha-abre-fecha
vem pousar um passarinho,
que já voou...

A cabeleira ruiva
da vela sobre a mesa
empenha-se ardentemente
em combater o apagão.
Seu olhar incandescente
mira no anteparo
as formas irregulares
que ela mesma projetou.
A vela derrama luz
nas mãos da meninada,
e na tela da parede
surgem manchas de nanquim:
dinossauro-pato-pássaro
borboleta-jacaré...

Os meninos brincam de eclipsar a parede.

Meninos sabidos!
Manipulam a luz
pra espantar o medo,
que é feito de sombras.



SIAMESES

por Simone Pedersen

As flores secas e sem vida
No vaso de cristal sobre a mesa
Mostram um tempo que já se foi
E o que fomos eu e você
O perfume que não mais embriaga
A beleza que não mais encanta
No gesto o amor contido
Despetalado e exaurido
Houve um tempo de sementes
Antes de florescer o nosso amor
Fecundas no ventre da paixão
Siameses desenvolvemos laços infinitos
Sem espaço para ser um mais um
Sufocados, ressentidos
Somos hoje nenhum.



CORACÃO HUMANO

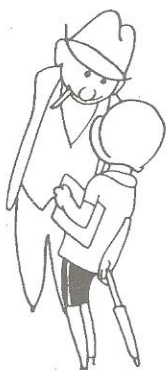
por Gabriel Cintra

Dizem que o seu coração voa mais que avião
Dizem que ele é aéreo
sai a todo momento de estação
e quase nunca leva a sério.

Se quisesse ser centrado
não teria um outro lado
teria de ir adiante
viver sem ser tão radiante.

Seu coração tem personalidade própria
fala sozinho, decide sem esperar resposta
vive como se não fosse você
mas no fundo você gosta.

Seu coração é seu eu interino
não toma como titular
pois seu cérebro é tirano
mas se fosse possível não ser assim
do mundo ele seria o mais humano.



VIRANDO ADULTA

por Elissa de Moraes

Manga madura
Caiu decidida.
Verde, pronta
Ficou de repente.
Abriu os olhos para as novidades da vida,
Um olho arregalou e o outro fechou.
Para onde foi o mundo que ela olhava
Do alto do pé?



SONETO II

por Ronnie Lenno

Ó platônico amor, que me agarraste
Irei desvencilhar-me das cadeias
Que, malicioso, me preparaste.
Vou parar no vale onde não vagueias.

Quero encontrar o Amor, o verdadeiro
Anseio da alma humana pelos tempos
Procurarei a Vida, então, primeiro
E a força que me afaste desses medos.

De ti já me cansei, mais do que pude
Te aturei e já não te quero perto
Rogo a meu Deus do céu para que mude

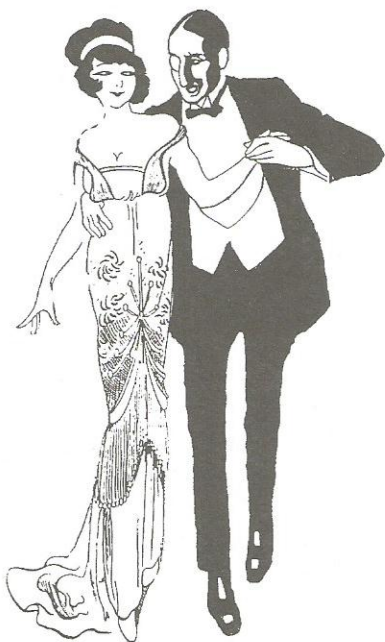
A triste sina de quem vive incerto,
Amando e errando, mas, por mais que lute,
Só sabe conservar seu peito aberto!

FLORES AZUIS

por Maria Bertila Leal de Castro

Flores azuis: como poderiam ser o tempo, os anos, os dias
Flores azuis: como poderiam ser o seu sorriso, a sua beleza e a nossa convivência
Flores azuis: como são meus sonhos que não se realizarão
Flores azuis: é como a beleza do inexistente sonhado
Flores azuis: como teria sido a plenitude do seu sim em minha vida.
Flores azuis são o reverso da melancolia desse adeus





SER QUEM SEI

por Rafael Tomaz dos Santos

Quem sou
não sei

Se sei quem sou,
não sei ser

Se sou quem sei
sou só.

Sei ser só.
Se sou, sei.

Sei, sou ser.
Sei ser.

Sou,
e só.

PARA CABER NA LÁPIDE *epitáfios em haikai*

por Fábio Bonillo

Thomas Bernhard
com inclemência
extingui minha vida
amando o ódio.

Hergé
ligne claire
Tintin não tem sombra
tenho de sobra.

Adolfo Bioy Casares
como legado
sonhar uma lembrança
desmemorial.

Marcel Proust
chá com bolinhos?
- só beijos de boa-noite
com frases curtas.

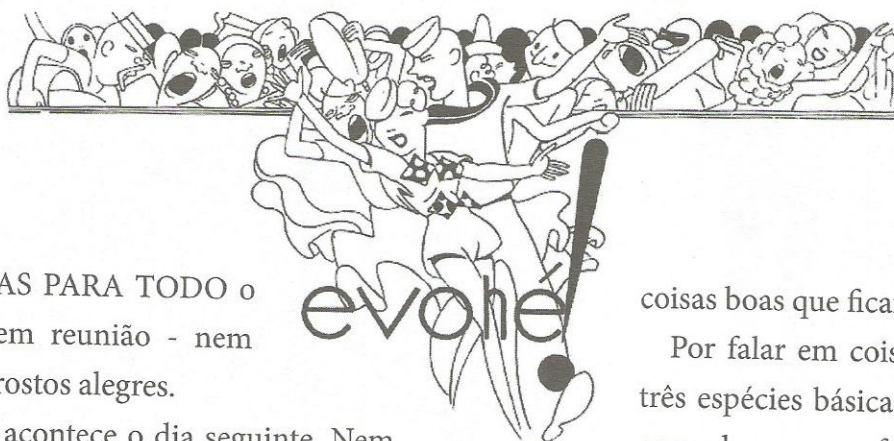
Yukio Mishima
no mar inquieto
neve de primavera
lava minha alma.

Henfil
me querem morto
mas permaneço vivo
viver é humor.

Hermann Melville
minha lápide
prefiro não fazer
já morri no mar.

O DIA SEGUINTE DO PERU

por Alcione Sortica



NATAL - FESTAS PARA TODO o lado. Famílias em reunião - nem sempre união - rostos alegres.

Mas, sempre acontece o dia seguinte. Nem para todos, claro. Muito menos para o peru, antes de ontem ave vistosa, ontem belo prato decorado com compota de pêssegos, figos e cabelos de gema, mais conhecidos como fios de ovos. Hoje, os restos frios ainda descansam na geladeira, esperando a transformação em recheios de pastéis, sanduíches e outros alimentos reciclados. Amanhã, os cães devorarão os ossos remanescentes...

Uma semana de trégua e vem o final do ano. Novas comilanças, para quem tem o que comer, novas reuniões, novos votos de felicidades e paz. Ah! E novo dia seguinte.

Bom o dia seguinte, não? Claro! Caso contrário teríamos ficado no anterior, imitando o badalado peru. É aquele velho dito: "Peru morre na véspera!" Se tiver que acontecer com algum ser vivo, que seja com o peru. Nós, fora!

Mas, vamos ao dia seguinte. Nele, negociantes alegres fazem o balanço das receitas, que propiciarão remediar o sufoco da crise tão propalada. Há a revoada dos familiares, retornando à labuta diária, aos dias sofridos. Há os que ficam sós, mais sós do que antes, pois a vida nos ensina a viciarmos nas coisas boas. E as reuniões de família e os amigos são daquelas

coisas boas que ficam.

Por falar em coisas boas, existem três espécies básicas na vida: as que engordam, as que fazem mal à saúde e as que são pecado. Há os que preferem

uma delas; outros, duas e alguns, exagerados, gostam das três. Sinceramente, minhas preferências recaem, principalmente, numa delas; as que são pecado. Mas, respeito os gostos alheios.

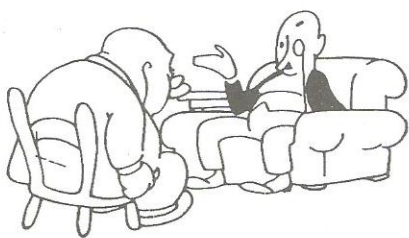
No correr dos dias, a intrometida realidade. Novas tragédias, separações reais e nas novelas, enches, desabrigados, moradores de ruas, crianças nas sinaleiras e tudo o mais que se segue. Roubos, quadrilhas, assaltos, maus políticos... A ilusão de mudanças dura pouco. Agora chega de falar em PAZ, Papai Noel e outras criações humanas para amenizar alguns dias desse sopro da eternidade, a nossa existência. Afinal, o gênero humano tem memória curta, mesmo.

Mas, não fiquemos tristes. Logo, teremos as orgias de Baco (Evoé, Baco!!!!!!!!!!!!!!), transmutadas em Carnaval. Findo este, vem o dia seguinte. Aliás, quarenta deles: a Quaresma.

Sempre o real e necessário dia seguinte. Acho que já vem desde o tempo das cavernas. E novo ciclo se fecha. Desnecessário continuar, para evitar um círculo vicioso. Nem vamos mencionar o coelhinho da Páscoa, pondo ovos de chocolate. Melhor findarmos por aqui.

O SABOR DAS LEMBRANÇAS

por Jaqueline Torrezin



LUIZ SENTOU-SE em sua antiga poltrona de madeira, ligou a vitrola, que pertencera a seu avô, e, ao som calmo e agradável das bandas de época, dirigiu-se até a pequena adega que possuía no fundo de sua sala. Sua boca e sua tristeza clamavam por alguma bebida que o ajudasse a passar mais uma noite sozinho naquela casa.

Mesmo já sabendo o que estava procurando, ficou parado na frente do armário de madeira compartimentado em forma de quadradinhos, todos preenchidos com garrafas vindas de diversas partes do Brasil e do mundo.

Percorreu seus marcantes olhos azuis por todas as garrafas, como se fosse um sargento admirando cuidadosamente seus soldados. Lembrou-se dos bons momentos que cada delas havia trazido durante sua vida. Muitas foram presentes de amigos e chefes, já outras foram compradas em suas viagens. Porém, mesmo podendo escolher uma bebida rara para saciar-se e com isso entrar na cultura de outras regiões, apenas uma, em especial, atiçava intensamente seu desejo: a cachaça.

Escolheu a que havia ganhado em um jogo de sorte com os amigos no tradicional festival da cachaça e bebidas típicas que acontece todos os anos, até hoje, em sua cidade. Serviu-se vagorosamente em um copo que achava interes-

sante por seu tamanho pequeno e por seus detalhes, listras na vertical e fundo cor de bronze. Voltou para sua poltrona iluminada por um abajur suíço de luz suave e relaxante. Devagar, sentou-se, sua idade já não o ajudava a ter muita disposição física. Olhou fixadamente para o copinho com a dose da branquinha e suas memórias começaram a brotar novamente em mais uma de suas noites solitárias.

Antes de dar o primeiro gole, Luiz inspirou seu aroma, o que o levou de volta à sua infância. Conseguiu novamente sentir as mesmas sensações de quando ajudava seu avô nas plantações de uva, de jabuticaba e também de cana-de-açúcar, usadas no preparo de vinhos, de licores e, principalmente, da pinga, bebida mais tradicional da região em que morava.

Molhou os lábios com a pura. O tocar da bebida em sua boca trazia a doce lembrança de sua amada Marta. Percebeu que ambas tinham a mesma suavidade, pureza e sabor inesquecível.

De uma vez só, tomou sua dose. A saudade fazia com que ele se lembrasse do fatal acidente que sua esposa sofrera, quando seu único irmão, ocasionalmente embriagado, dirigia o automóvel.

Ao terminar de beber, sentiu o rasgar do líquido descer amargamente por sua garganta. Então, olhou para a garrafa de pinga e pensou:

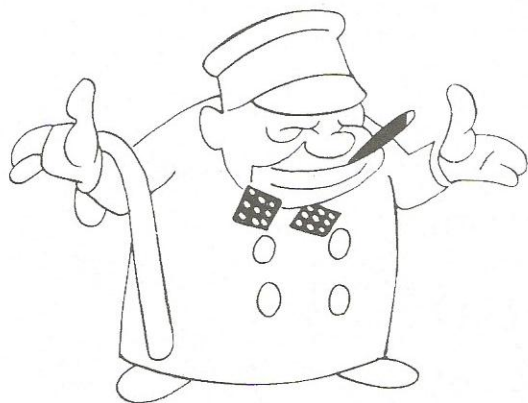
“Agora somos só eu e você...”

No copo sobrou uma gota e em seu rosto, uma única lágrima.

AUTORES

por Wilson Gorj

FRUSTRADOS



MARGINAL

Sem grana para publicar seus livros, o escritor apelou para um recurso tão eficaz quanto delinquente.

Até ser apanhado em flagrante, fez dos muros da cidade as suas melhores páginas.

MICROCONTISTA

Com seus pequeninos contos, quisera tornar-se um grande escritor.

Mas grande mesmo foi a sua desilusão. Pouco lido, pouco conhecido. Morreu frustrado.

Seu obituário no jornal lembrava um microconto.



BLOQUEIO

Diante da página em branco, desesperava-se o escritor. Faltava-lhe inspiração, criatividade, palavras.

“Isso nunca me aconteceu antes”. Ao dizer essas palavras, de imediato lembrou-se do fiasco da noite passada e, alarmado, constatou que era a segunda vez que usava a mesma desculpa.

LANÇADO

Ninguém foi ao lançamento do seu primeiro livro.

Tamanha frustração o levou a um gesto de loucura. Do alto da passarela, lançou ao vento os mil exemplares publicados...

Num relampejo de consciência, ainda pode ver o último livro tombar próximo ao seu – também lançado! – corpo.

LIVRO DE ESTREIA

Não se contentou em apenas escrevê-lo. A capa, quem elaborou? O autor e ninguém mais. Quem fez a diagramação? O autor e ninguém mais. Revisão, prefácio, quem? O autor e ninguém mais. Quantos se interessaram pelo livro?

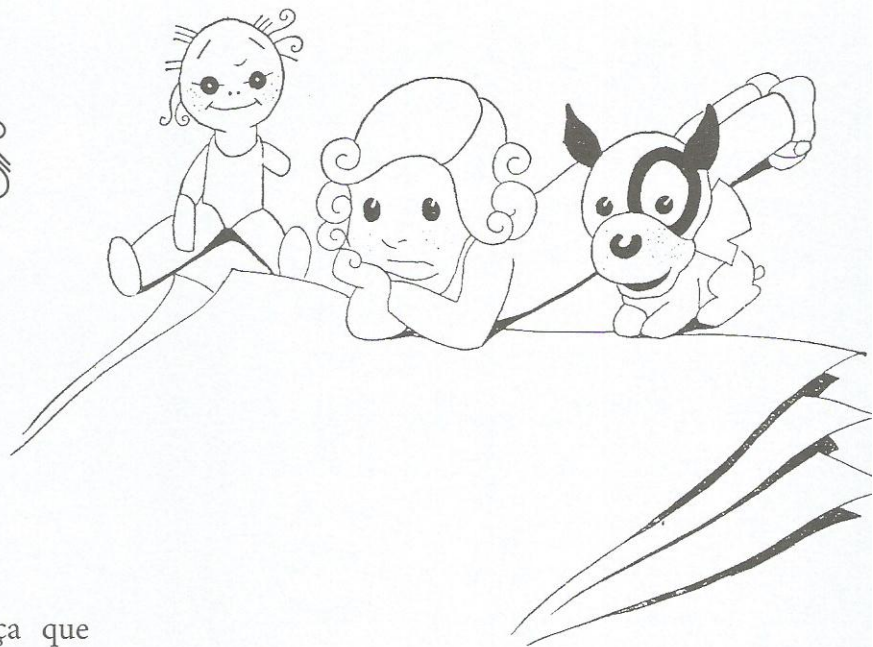
O quê? Só o autor?!

E ninguém mais.



HISTÓRIAS PARA NINAR

por Juliana Gonçalves Lins Bolzan



VOCÊS CONHECEM alguma criança que toda noite antes de dormir pede a seu pai “Papai, me conta uma história?”? Bom, comigo não era diferente; toda noite antes de ir dormir, pedia ao meu pai que me contasse uma história e ele contava. Contava-me as histórias fascinantes de um coelho muito esperto e levado. Para mim cada noite era uma nova aventura, eu ficava ansiosa esperando a hora de ir dormir para poder escutar as novas aventuras do Coelho Paulão e com seu companheiro, o Coelho Mandrake. Nesse embalo, conto para vocês a aventura pela qual dois coelhos passaram e da qual nunca esqueerei.

O Coelho Mandrake era alto, esguio, tinha orelhas e pernas bem compridas e sempre vestia uma camisa xadrez – quando pequeno, meu pai lia as histórias em quadrinhos do “Mandrake, o mágico” que era muito ágil e, como o coelho da história, tinha a mesma agilidade, foi colocado seu nome de Mandrake. Já Coelho Paulão era seu oposto: baixinho, gordinho, tinha umas pernas tão curtinhas, coitado, mas, sempre estava bem arrumado, costumava usar uma calça e uma camisa – aí vocês me perguntam “Por que o nome dele era Paulão?”. Bom, ele foi nomeado Paulão pelas trapalhadas que fazia e que eram iguaizinhas às do amigo de meu pai que se chama Paulo, mas é apelidado de Paulão.

Os dois viviam em uma floresta muito bonita, tinham comida à vontade, uma cachoeira maravilhosa para se refrescar, mas, como sempre há alguma coisa para atrapalhar, eles sempre eram perseguidos por uma onça.

Devido a essa perseguição constante, Coelho Mandrake teve a brilhante ideia de construir túneis subterrâneos espalhados por toda a floresta, com entradas e saídas em diversos lugares. Esses túneis facilitavam muito para despistar a onça.

Certo dia, Coelho Mandrake e Coelho Paulão estavam sentados próximos à beira da cachoeira conversando e curtindo o dia, quando sentiram o cheiro da Dona Onça. Eles procuraram por todos os lados e bem ao longe avistaram a danada. Coelho Paulão, medroso como só ele, queria sair correndo e tentar se esconder, mas Mandrake sabia que isso não adiantaria nada, porque a onça os encontraria muito rápido.

Mandrake pensou por alguns segundos e bolou um plano infalível. Ele sabia que os túneis não adiantariam para o Coelho Paulão porque, apesar de baixinho, era muito gordo para passar nos buracos e, se tentasse passar, ficaria entalado.

Conforme os segundos passavam, o cheiro

ficava mais forte, sinal esse de que a onça estava se aproximando cada vez mais, e Coelho Paulão ficava cada vez mais desesperado, mas Mandrake já tinha todo o plano em sua cabeça: ele queria se vingar por todas as perseguições da Dona Onça e dar uma boa lição nela.

Dois segundos antes de Dona Onça dar o bote, Coelho Mandrake disse para Coelho Paulão: “Quando eu falar pra água, você corre o mais rápido que conseguir e vai até o lugar mais fundo possível da cachoeira”. Foi ele terminar de falar que D. Onça deu o bote. Paulão saiu correndo até o fundo da cachoeira, enquanto isso Mandrake distraía a onça. Ela corria atrás dele, ele entrava em um buraco e saía em outro, e isso se estendeu por uns bons minutos. Certa hora, D. Onça já estava tontinha de tanto correr atrás de Mandrake e foi nesse momento de distração que ele fez com que ela ficasse parada embaixo de um galho com um cacho de abelhas enorme.

Para que ela ficasse embaixo do galho certo ele subiu na árvore e ficou em cima do galho com o cacho fazendo micagens para distraí-la. D. Onça, por sua vez, ficou esperando que ele descesse; antes que ela pudesse se dar conta, ele tirou uma varinha da árvore e cutucou o cacho de abelhas até que elas se irritassem, quando ficaram irritadas saíram todas e a primeira coisa que encontraram na frente foi a pobre D. Onça; as abelhas saíram todas atrás dela.

Quando D. Onça já estava longe, Coelho Mandrake e Coelho Paulão não conseguiam parar de rir da peça que tinham pregado na D. Onça. Com isso, por um bom tempo, eles não ouviriam falar dela.

GAIOLAS

por Karen Dias de Sousa

HINO AO SONO

*Sem a pequena morte
de toda a noite
como sobreviver à vida
de cada dia?*

José Paulo Paes



ABRIU A PORTA da casa. Como de costume, havia muita louça pra lavar e muita sujeira pra varrer. Mas, como de costume, não lavou nem limpou nada. Foi até o banheiro, fez o que tinha que fazer. Foi até a geladeira, fez o que tinha que fazer. Deixou-se deitar preguiçosamente no sofá. Pendurada na parede, havia uma gaiola que abrigava uma pequena alma: frágil, amarela e silenciosa.

- E esse aí nem canta mais!

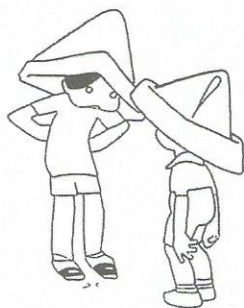
O bicho encolheu e foi para o fundo, de onde não podia ser visto pela moça, mas podia observá-la bem. Ela ligou a televisão desejando que o sono a visitasse. No entanto, não veio. Tomou comprimidos e o passarinho a viu deitar. Olhava para sua dona quase morta e se sentia tão morto quanto ela naquela casa, onde nem o mais atrevido raio de sol entrava.

Dois dias depois a moça acordou. Abriu os olhos e saiu para trabalhar, comer, dormir e ir ao banheiro. Uma vez deixou-se ficar preguiçosamente no sofá da sala e, com um movimento de olhos, percebeu a gaiola. Como não viu o bicho, assoviou. Ninguém respondeu. Levantou-se bocejando e viu que o canarinho havia morrido. Uma lágrima saltou-lhe dos olhos, não pelo defunto, mas por ela mesma. “Preciso dormir”, pensou. E assim o fez. Dormiu só para poder acordar e dormir de novo.

TONS DE CINZA

por Philipe Gomes

AO ANDAR POR AQUELA RUA, eu sabia que nunca mais seria o mesmo, se não fosse por aquele erro que havia marcado tragicamente o pobre imundo que sou hoje.



Ver meu pedaço de papel manchado com o cinza morto de um lápis velho foi demais para a minha tenra idade.

Por todas as vezes que de alguma forma me remetia ao passado, lembrava-me do cinza sujo que vestia ao ir ao encontro daquela hipocrisia barata que não me pertencia. Recordava de toda aquela mediocridade que cobria os olhos de todos sem que soubéssemos ao menos o que fazíamos, o quanto essa razão destruía o que sou hoje. E mesmo vendo o quanto sujo eu fui, nunca bati na mesa e gritei o quanto alucinados estávamos, pois certamente outros vários já teriam caído mortos ao chão como o castelo de baralho que eu costumava fazer quando criança, apenas uma criança alemã.

Talvez ainda se pergunte se foi mesmo necessária a morte daqueles judeus. Talvez...

Um a um caindo aos pés do que simplesmente não compreendiam e todos os filiados com pás em fila saudando quem se dizia ser nosso pai, nosso amigo, ser a salvação, quem se dizia ser você e eu. Não poderia esquecer ao menos daquela tarde suja com o discurso que disseminava tantas crenças poluídas pela insa-

nidade e tão lógicas insanidades que comoviam a todos. Uma utopia, nunca passou de uma utopia descabida que traria a nós a imortalidade num lugar nenhum.

Ao acordar no meio da noite, percebi que tudo aquilo não mais

cabia em mim. Fotos que impregnam minha mente, corpos e tantos corpos. Aqueles porcos imundos que nos cegaram! Ver meu pedaço de papel manchado com o cinza morto de um lápis velho foi demais para a minha tenra idade. De alguma forma isso tinha que sair e não poderia ser de outra

maneira se não para você, diretamente na sua cara. Um grito de culpa, desespero que os anos acorrentaram em um silêncio desmerecedor de mim mesmo. Caminhei por muito tempo diante desse cinza morto que me atormenta hoje. E caminhar naquelas ruas ainda me faziam enxergar todas aquelas cores, todas cinzas.

Na minha direita os homens; na esquerda, as mulheres e as crianças com destino ao centro de Munique. Marchando por aquelas almas, parei. Todo o meu corpo gélido do frio de Berlim virou-se para uma criança judia. Aqueles olhos escuros e cabelos cinza puro; Nesse momento, senti a dor da chibata e o peso do Führer, voltei a marchar. Simples. Não. Não era simples. Algo muito estranho ardia nos meus

olhos de maneira que me fez enxugá-los. Andei por vinte metros e vinte mil judeus com seus destinos nas mãos de algo que não compreendiam. Um cinza puro me vez chorar.

Enfim, a manhã me fez despertar. A um velho certamente razão de agradecimento por mais uma oportunidade de encontrar o perdão e viver tranquilo. Não para mim. Como poderia em busca do perdão de tantos mortos que assombram meu ser. A cada manhã sentia pena de mim mesmo por ter sido esquecido pela minha amiga morte. Sei bem que ela me aguarda. Noto sua presença, por saber que a morte me acompanha como algo irrefutável em mim mesmo.

Fui à busca de alimento e com meu café sentei na companhia do meu empoeirado piano. Hábito que adquiri com a solidão. Fui martelando até sentir meus dedos. Aquela escala de dó me libertava por alguns minutos do cinza nublado do céu de Berlim. Sentia, ao dançar com as notas, todo o meu corpo em chamas. Aquelas mulheres dos campos, a vodka russa e o calor da batalha. Tudo tão distante de um velho quanto o vermelho sangue do dissabor de ter nascido alemão. Fazia-me sentir uma alegria clara, uma espécie de inconsciência de que tudo aquilo ainda fazia parte de mim. Sabe quando no extremo da alegria sente algo que lhe aperta o peito e é consciente em saber não merecedor desse alívio? Bem, por este momento tudo que podia desejar é ter sido único. Ter sido judeu. Se você ainda questiona sobre minha lucidez, questione também o sentido de liberdade.

METAMORPHOSIS

por Júlio César Braga

IN A DISTANT DESERT there was a cactus that lived alone. Out of his solitude, he decided to ask Mother Nature a companion to give sense to his life.

After some days, close to him, an ugly flower began to sprout and became the companion of the cactus. Certainly, the days of solitude had ended due to the time that both spent talking.

There were two curious facts in this relationship: one of them was a kind of vision the cactus had and the other one was his care for his companion. He always said to her about the vision in which he flew as if he were a bird, and that was the reason for many laughs. Another fact was his care for her. During the intense heat of the day, he contorted so that his shade protected her. When he noticed that she was thirsty, he introduced one of his thorns in his body so that water would fall on her.

The night made him contort his body between the flower and the cold air of the desert.

That extreme care ended up by bringing some kind of problems between them, mainly, when the cactus saw any predatory threat. She didn't have that same view because she was small. The cactus, however, when he saw any threat, he immediately threw some thorns of his body with the intention to keep the enemy away. However, some of them fell on her and hurt her.

In spite of the cactus trying to be more careful, he could not avoid when the winds of the desert pushed him and throw his thorns fell on her.

This increased the tension between the two

and the flower ordered him to leave. That day, the cactus didn't do anything he used to because of the flower's words. That night, in a prayer, he asked the help of Mother Nature.

"As you set the beginning, you will also set the end;

If the end has not arrived, the moment of change has".

The following morning, the flower got scared when she woke up and saw the cactus was dry. Therefore, she remembered all that he had represented for her and, after some instants, she cried sadly. Without the presence and the cares of the cactus, the small flower began to wither slowly. She became dry and did no longer attract the predators. The flower also sought the help from Mother Nature through a prayer.

"The moment of change has arrived, and if it is not a new beginning, then, it should be the end."

The following morning, a strange noise got her attention. It was a hummingbird that flew around her. She told him that a dry and ugly flower could not offer the pollen that

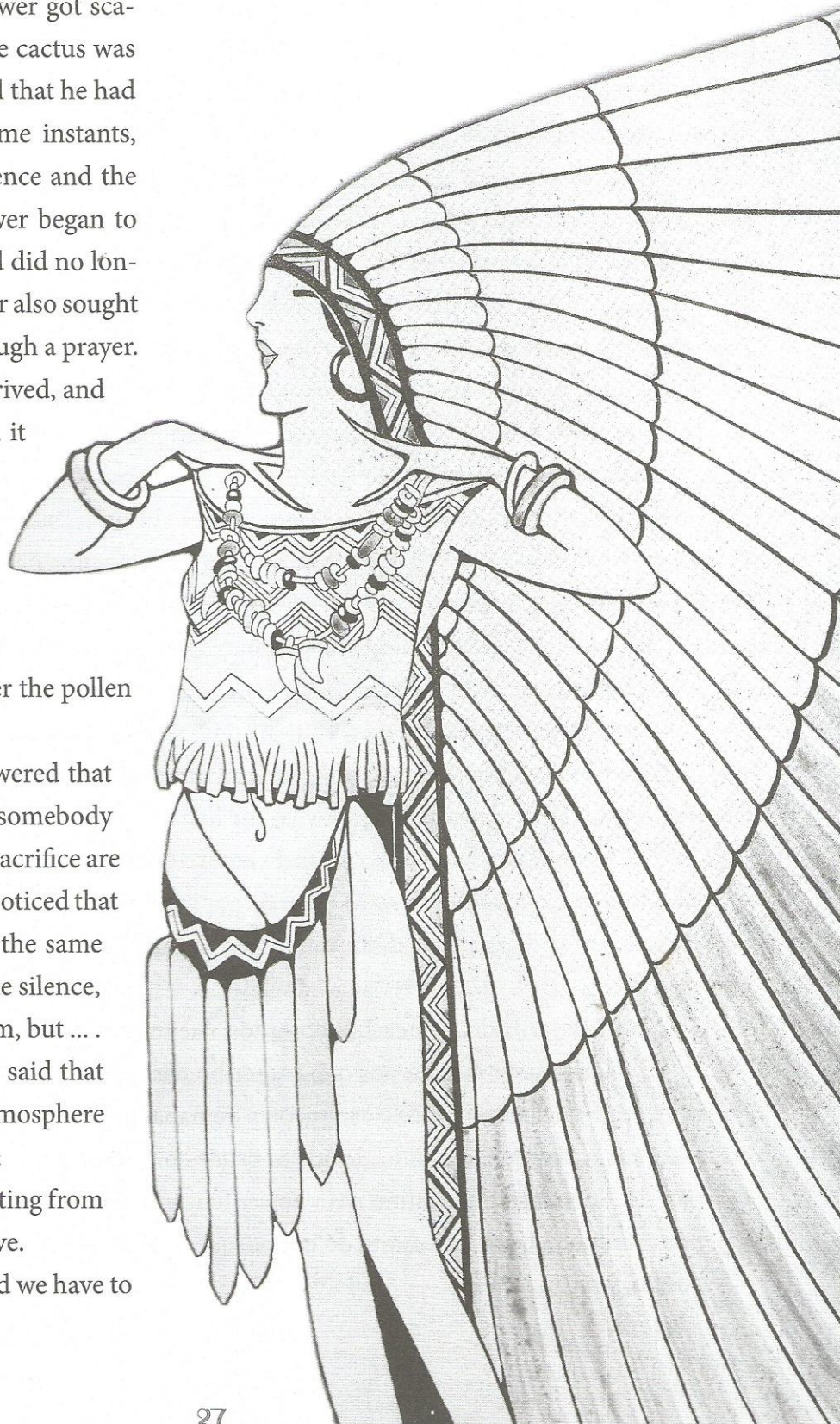
he sought. He smiled and answered that the pollination process needed somebody like him. For that, some care and sacrifice are necessary. When she looked, she noticed that she recognized that voice but, at the same time, it was impossible. After some silence, the small flower said she knew him, but ...

Then, he revealed himself and said that his visions had come true. The atmosphere was full of emotion when he said:

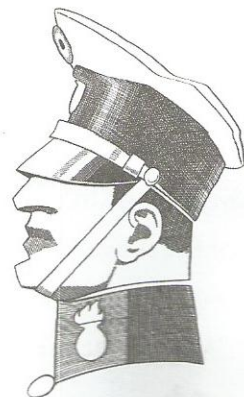
"The reasons of our fights, starting from now, will be the symbol of our love.

Mother Nature wanted this and we have to believe it."

Then, a smile changed her face and, as a miracle, she was transformed into a beautiful flower with red petals. She could see his beak that reminded her of the thorns. She also saw a tear that left her eyes and fell on his beak. Then, the hummingbird introduced it into her petals and definitively sealed their love.



CARTAS AL CAPITÁN



***Para ti, principito,
por hacer visible lo invisible.***

Carta manuscrita en cuatro páginas pequeñas, con membrete del Hôtel D'Angleterre de Roma. La única indicación de fecha que tiene es "Hoy es el sábado 28". No sabemos de qué mes ni de qué año pero sin duda es de 1951.

Hoy es sábado 28 y una vez más me despierto y mi cama está vacía.

Nunca lo llegué a entender ni mucho menos perdonar pero aún así te extraño, Capitán.

¿Quién es tan cobarde como para dejar escapar la felicidad? ¿Por qué decidiste saltar por la ventana donde, en otros tiempos, se colaban furtivamente las estrellas para acariciarnos los pies? Y, ¿qué hiciste con ella, con mi vida? ¿la tiraste a una alcantarilla como prometiste aquella noche turbia de tequila? ¿te acuerdas? Porque así es como me sentí durante mucho tiempo, como rata, colilla, lluvia, papel, porquería arrastrada al subsuelo, a tu mundo oscuro y sucio. Estuve tanto tiempo lamentando aquello que no entendía...

Ese día, me prometí no abrir nunca más la ventana, para no cometer el mismo error que cometió Pandora. Así es como te borré de mi vida, para no amarte, para no odiarte, para sólo sentir indiferencia. Un vacío en tu lado de cama, una página en blanco en mi memoria. No lo voy a negar, me costó, pero finalmente se paró el tiempo y fue la hora de ser libre, así es como te convertiste en una carta arrugada, vieja y llena de tachones, un papel con nuestra historia olvidado en un cajón.

Aún así veces te sueño, mi Capitán, como aquel futuro que nunca tuvimos. Me levanto feliz pero exaltada porque todavía tengo miedo a sentirte, a olerte. Algunas personas darían su vida por sentir el amor y yo me llené de arañas esquizofrénicas al tener el tuyo. Hiciste que aborreciera las historias de amor, todavía hoy siento náuseas a ver una escena de gente enamorada, el nuestro era más parecido al sufrimiento de Edipo al saber la verdad. Cuando me enamoré de ti yo también me arranqué los ojos. Eres, y siempre serás, mi cuchillo.

Hoy. Ahora. Todo se mezcla, recuerdos, sueños y horror.

Te estarás preguntando por qué te escribo después de tanto tiempo, pues bien, lo hago porque sé que, aunque no te arrepientes de nada, no me has olvidado. Me convertí en tu penitencia, tu cruz, cuando decidiste pagar con nuestro amor a aquellos fantasmas del pasado. Sobornaste al destino para no ser feliz y yo estoy aquí para decirte que no te amo, pero te amo. Sé que leer eso te dolerá porque tú sientes lo mismo y eso es justo lo que yo quiero, venganza.

Siempre tuya.

— M.

Querida M

Inoportuna siempre. Esta mañana he recibido tu carta, tu venganza. Y he de decirte que al lanzarla como un naipe de un truco fallido contra la pared sentí regocijo. Obsesivamente te he esperado, al abrir la puerta, con el despertar del teléfono y (con menos esperanza, aunque visto lo visto con más éxito) en mi buzón. Apuré el café, apegué el cigarro y me fui a trabajar a la universidad. Y tú ahí, tirada junto a las demás, apenas ya una carta en un rincón.

Bien sabes, que te digo esto para que a ti también te duela.

Crucé la calle, el aire de la mañana y el desprecio me consolaban un lunes cualquiera y eso siempre es bueno. Al andar recordaba nuestra despedida, desde el aeropuerto, catedral erguida al viento, construida para obviar al hombre, no he vuelto a saber de ti.

Cuando llegué a São Paulo te amaba tanto. Creía, una a una, tus promesas, me creía incluso prisionero de tus sueños. Pensaba que tú también me amabas, aunque fuera de esa manera loca tuya, (que no entiendo), lo creía firmemente. Y después me vi solo, en Campinas, esperándote. Al principio con certeza, después como el valiente que se lanza encorajinado a la batalla seguro de que le siguen sus guerreros, y se descubre idiota y cobarde, sólo entre el enemigo, y al final, aún más triste, como el perro que vela el cadáver de su dueño esperando que alguien tire de su correa. Te he amado mucho M, pero el dolor y el tiempo, me han enseñado a no hacerlo.

En la universidad me han pedido que escriba algo sencillo para la revista. Es una publicación propia, pequeñita, en la que a pesar de que todos los años ha escrito el lector de turno, no deja de ser una obrita delicada.

Te puedes imaginar, ha sido otro bofetón de M que me devolvía al lunes. Desde que te despedí, no escribo. En ese aeropuerto suspendido en el tiempo, olvidé a tu lado, mi corazón y el arte de escribir. Ahora las palabras me estorban sobre el papel y no

paro de evocarte estúpidamente una y otra vez. No, no me ha dado por escribirte poemas. Es peor, en mi cabeza toda literatura queda dolorosamente unida a tu recuerdo, y por tanto resulta intratable.

Les he contestado que sí por arrogancia, he fingido indisposición y me he vuelto a casa.

Ahora más rápido.

No te pienses vencedora en tu revancha, ni culpable de un mutilamiento. Disco inflamado a todo volumen, blanco rectangular en mano que tiembla, la sutileza de un tajo. El secreto que duerme, despierta: Carta manuscrita en cuatro páginas pequeñas, con membrete del Hôtel D'Angleterre de Roma. La única indicación de fecha que tiene es "Hoy es el sábado 28". No sabemos de qué mes ni de qué año pero sin duda es de 1951.

Detente. Mientras leo tu carta, bajo el volumen al mínimo, quiero saber si tu voz es de verdad o la he puesto yo.

No M, no, mi amor no es 1951, no soy Capitán de un cuento, no me alejé de ti para borrar nada del pasado con Nuestro Amor. No M. Yo te pedí que vinieras conmigo a Campinas y dejásemos de ser ficción. Quería amarte fuera de sábanas de papel, no soportaba más literatura. Te amaba a ti, a tu olor. ¿No lo entiendes?, por eso te pedí que vinieses, para continuar en Brasil. Para dejar de escribir y vivir.

No, sé que no me entiendes. La carta no tiene remite, te escondes, no me buscas, prefieres seguir soñando. Yo ya no, como Capitán decido despertar de tu sueño, tienes que saberlo, es importante. ¿Sabes que voy a hacer? Uniré tu carta a la mía y lo entregaré a la revista. Seguro que no tardarás mucho en tener esta despedida entre tus manos.

Gracias al resto de lectores por vuestra comprensión humana, capacidad lectora y discreción cómplice.

A ti M, te amo y te digo adiós.

—

MADRUGADA

por Felipe Massahiro



ALÉM DAS POUCAS ESTRELAS e da lua, a única luz vinha da brasa na ponta de seu cigarro. Da sacada do seu apartamento ele olhava o horizonte coberto por apartamentos e casas. Nada se ouvia além do papel queimando lentamente.

Tragava e assoprava a fumaça que se mesclava à escuridão da madrugada.

Sentou-se à mesa de vidro e deixou que a brisa fria carregasse as cinzas até o chão, apagando o tabaco incandescente como uma estrela que morre. Já não estava mais consciente se seus olhos estavam abertos ou fechados. A mente estava vazia como aquele céu.

– Não consegue dormir? – a voz macia e maculada da garota rompia as sombras em um sussurro sonolento.

– Desculpe – virou-se para ela. Podia vê-la mesmo com as luzes apagadas. Sua pele alva e camisola branca de seda se destacavam mesmo no escuro. Ela estava em pé, encostada na porta da sacada. – Eu a acordei?

A garota balançou a cabeça de um lado a outro sorrindo docemente.

– Não se preocupe – disse ela, sentando-se do outro lado da mesa. Ambos estavam virados de frente para o horizonte distante. – Quando percebi que você não estava mais do meu lado,

não consegui dormir mais – falou sem se virar para ele, como se sentisse envergonhada em fazer tal constatação.

Graciosamente, com um movimento da mão, ela colocou o longo cabelo castanho para trás da orelha. Em seguida envolveu o seu próprio corpo com os braços.

– Está frio – disse ele. O rastro cinza da fumaça do cigarro dançava uma valsa solitária entre os dois.

– Hum. – assentiu ela.

– Vai se resfriar.

– Hum.

Levando o cigarro à boca, viu-a pelo canto dos olhos. Ela permanecia encolhida na cadeira olhando para frente, além do parapeito, sem se virar.

– E você? – perguntou.

– Não se preocupe comigo – ele respondeu com um sorriso meigo, olhando para ela.

No mesmo instante a garota virou-se surpresa pela resposta. Seus olhos se encontraram rapidamente, logo o olhar dela tornou-se triste e desamparado.

Sem saber o que fazer ele desviou seu olhar.

– Desculpe... – murmurou.

Em resposta ela meneou a cabeça de um lado a outro.

– Está tudo bem.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, olhando para o céu que começava a mostrar os primeiros sinais do Sol.

– Logo vai amanhecer – disse ele sem mover seus olhos do azul escuro que começava a tomar o espaço das sombras negras.

Ela nada falou, apenas colocou seus dois pés na cadeira e abraçou as pernas.

– Você tem mesmo de ir? – finalmente disse ela.

– Sim – respondeu ele soltando um suspiro

pesado e doloroso. – Me desculpe.

Mais uma vez ela se calou, encolhida em sua cadeira.

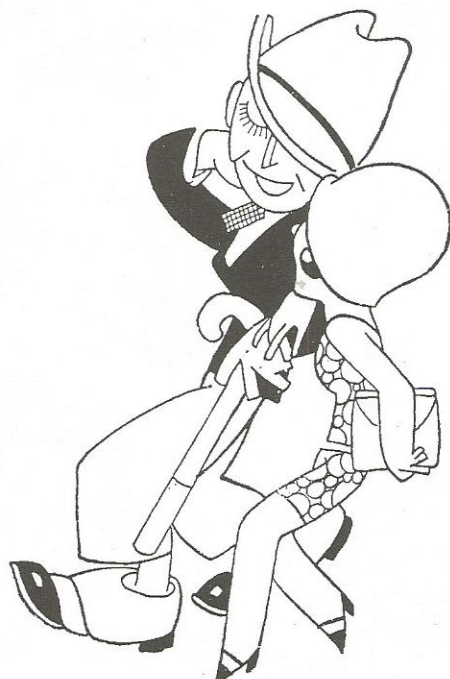
Os primeiros raios de Sol cruzavam o horizonte tingindo de laranja avermelhado tudo que tocava o solo.

– Adeus – falou ele olhando-a por cima das pernas dela.

– Espera! – gritou virando rapidamente a cabeça para o lado em que ele estava.

Porém era tarde, já não mais havia alguém lá. Ele já não estava mais do seu lado. Nem mesmo conseguia sentir o cheiro de tabaco dele.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos dela. Ela cobriu o rosto com as mãos e chorou. Encolhida sobre a cadeira, o Sol da manhã a iluminava anunciando um novo dia.



A MELINDROSA

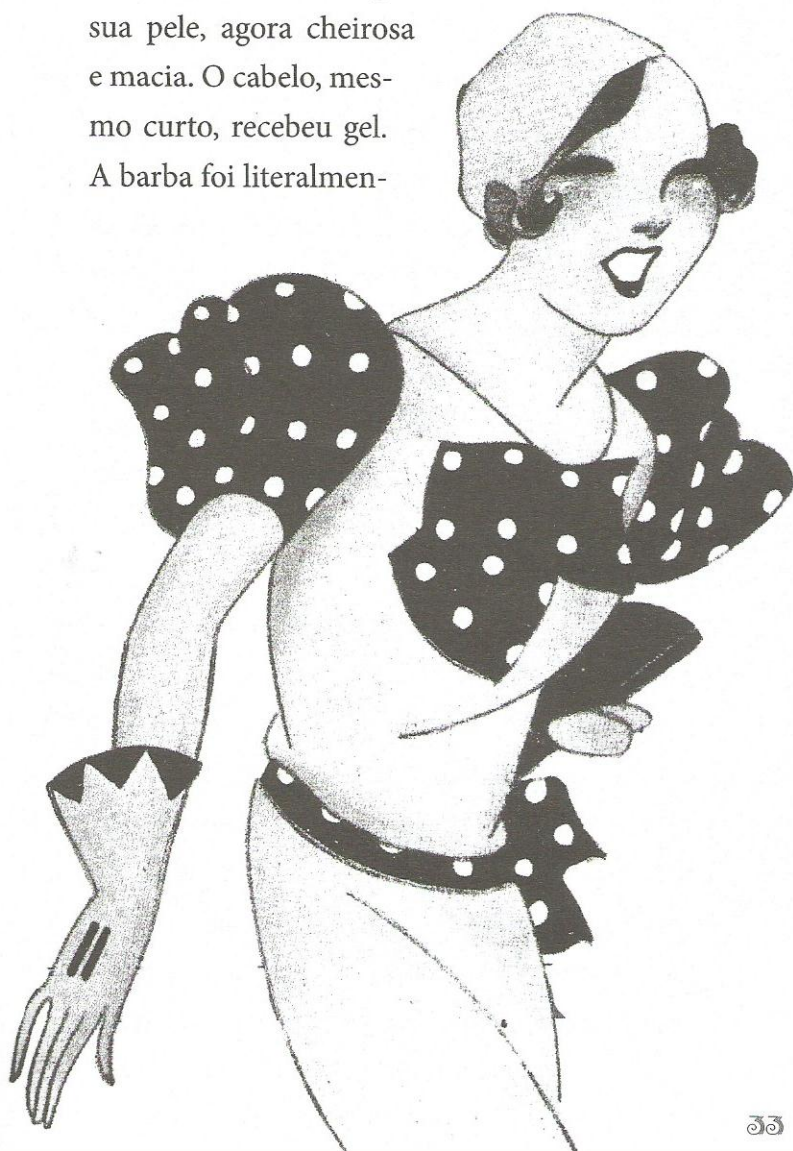
por Mario Cau
(www.mariocau.com)



ENCONTRO

por Felipe Ferraz

SEPARADOS por um amontoado de concreto e uma lâmina de vidro, um lado era quente e úmido, com cheiros agradáveis e névoas de vapor que tornavam a visão menos clara. Já o outro estava frio, com ventos e folhas voadoras, além de um aspecto cinzento que remetia a um dia propício para o ócio e a reflexão. Minutos passaram-se e Romão se enrolou na toalha, para tirar a água de sua pele, agora cheirosa e macia. O cabelo, mesmo curto, recebeu gel. A barba foi literalmen-



te laminada, e o creme pós-procedimento dava um perfume especial à face. Olhou o relógio e ficou satisfeito em não ter se atrasado; a dama não poderia esperar um segundo sequer.

A chuva havia parado no instante em que se dirigia ao restaurante. Nada de movimento, barulho ou confusão. A casa ficava em um bairro próximo à zona rural, longe do movimento jovem característico do sábado. O horário também contribuía para isso, não eram oito da noite ainda. Somente aqueles que saíam do trabalho, ou tinham jantares românticos, ocupavam as mesas. Esmeralda era uma dessas pessoas e, mal havia chegado, Romão apareceu na porta do estabelecimento. O minuto que demorou para sentar-se foi regido pelo pianista local. A luz aconchegante incitava uma taça de vinho e uma boa conversa sobre a paz daquele momento.

— Estás deslumbrante - foram as primeiras palavras de Romão. A timidez da companheira de mesa era inegável. Haviam conversado algumas vezes pelo telefone, conheciam as vozes um do outro. Os olhos não traziam surpresas quanto à beleza alheia, pois já haviam visto fotos. Mas o primeiro contato físico, mesmo distante, é sempre precedido por um momento de hesitação, um frio na espinha (necessário).

Esmeralda havia recebido ajuda das pes-

soas jovens com quem convive quase diariamente. Foram elas que escolheram as roupas, a maquiagem, o perfume, a bolsa e os (poucos) acessórios. Não que ela não pudesse decidir por si mesma. Mas confia tanto no bom gosto de seus entes que entrega sua aparência, ainda impondo seus próprios limites. Seu sorriso disfarçava a ansiedade do momento, mostrando que sabia contornar situações daquele tipo. Apenas o tempo frio e chuvoso mudaram os planos, tudo levava a crer que o calor e o céu limpo ditariam o rumo da conversa.

Cada um contou um pouco sobre sua família. O que fazem para sobreviver, como passam o tempo livre. Já sabiam, mas riram sempre que encontraram algo em comum, desde a marca de chocolate preferida até a aversão à televisão aos domingos. A luz das velas dava um tom especial aos olhares que trocavam, o cheiro das massas locais despertou o apetite (lasanha e canelone seriam os pratos da noite).

Romão fez questão de lembrar do dia em que se conheceram, pela tela de um computador. Recordava o que havia feito desde o momento de acordar, até a hora de dormir, e enfatizou que em seus sonhos a beleza da mulher em sua frente fez questão de aparecer. Esmeralda contou que, naquele dia, almoçara na casa de uma amiga, e pediu para usar o computador, apenas para verificar alguns e-mails. Aproveitou para usar o programa de mensagens instantâneas, e conversou com um novo usuário. Com alguma vergonha, disse que foi paixão à primeira vista.

Quem os visse conversando diria que se conheciam há tempos (o que não deixava de ser

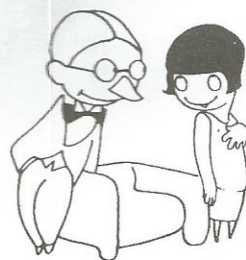
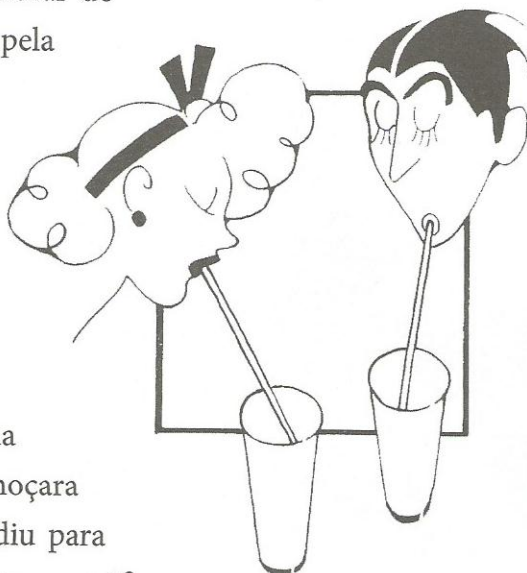
verdade). Sentiam-se à vontade naquele momento, seguros com a presença do outro. Mas a hora havia corrido, como em poucas vezes acontece.

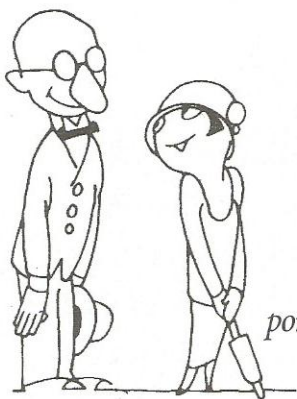
— Venha, deixo você em casa — Romão aproveitaria a viagem para ouvir a voz de sua companheira por mais alguns minutos. Fez questão de esconder seus velhos hábitos como dirigir em alta velocidade, buzinar e cantar em voz alta. Ao chegarem à casa de Esmeralda, recusou educadamente o convite para um café, mas a acompanhou até o portão, abrindo a porta do carro para ela passar. Despediram-se com um beijo nas costas da mão, e um abraço carinhoso.

— Nos falamos pelo computador, ou no próximo encontro.

Esmeralda entrou em sua casa sorridente, feliz por aquele encontro, depois de algum tempo sem sair com alguém. Romão sabia que

aquela mulher era especial, alguém para um relacionamento sério e duradouro. Pensaram, como se fossem ligados telepaticamente, nada como um encontro à moda antiga após conversas virtuais.





SE ASSIM DESEJA...

por Gisele Silva da Costa Cardozo

ERA UM DIA como outro qualquer. O rádio relógio tocou uma música qualquer, pois o bip do alarme não a acordava, matava-a de susto. Entretanto, a única música que vinha à sua mente era invariavelmente a mesma: “Todo dia ela faz tudo sempre igual...”

Cumpriu seu ritual: lavou o rosto, escovou os dentes, tomou café, escovou os dentes de novo, passou protetor solar 30, vestiu-se, conferiu a casa – janelas, fogão, portas – pegou o carro e saiu.

Ao descer a rua que saía do seu bairro, não encontrou ninguém e pensou: “Bem que podia estar assim até o trabalho”. Pegou uma avenida, virou em outra e começou a ficar incomodada. Não havia ninguém. Nenhum carro, nenhum pedestre, nada! Estranhou o próprio incômodo, afinal esse era o sonho de qualquer motorista estressado.

Ao chegar ao centro da cidade, parou em um sinal fechado, mas se deu conta de que não precisaria parar e riu. A avenida era dela, todinha dela! Desceu a longa avenida ziguezagueando, correndo, andando a trinta quilômetros por hora. Ria, divertia-se como há muito tempo não fazia. Deparou-se com uma padaria aberta e resolveu parar. Já havia tomado café, porém o cheiro de pão fresquinho a seduziu.

Lá dentro, como em todo o trajeto até ali, não havia ninguém. Estava tão encantada com a experiência que não parou para pensar onde estariam as pessoas que fizeram aquele pão tão quentinho e cheiroso. Já não se lembrava da última vez que sentira cheiro de café, pois usava café solúvel no leite. Era mais rápido.

Foi para trás do balcão e serviu-se. Pão, manteiga Aviação, café de bule, leite, açúcar, hoje, nada de adoçante. Um sonho de creme, algumas broas de milho para o lanche no trabalho. Calculou o valor do que consumira e deixou o dinheiro no balcão do caixa. Podia ser atrevida, caloteira, não.

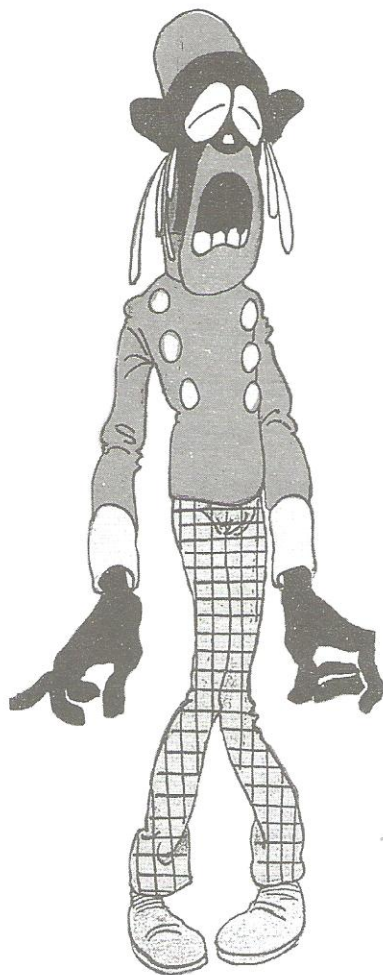
Apesar do estômago cheio, sentia-se leve. Não havia mais pressão, não havia mais raiva. Será que poderia entrar assim em qualquer lugar? Lembrou-se da maravilhosa bolsa que vira numa loja no shopping.

Porém, antes de entrar no carro uma ideia terrível lhe ocorreu. E se não houvesse mais ninguém, nunca mais? Morreria de fome e de solidão. Não teria os produtos de que necessitava, não teria para quem reclamar ou compartilhar essa sua aventura. O peso do silêncio ao redor arqueou-lhe os ombros. O que afinal acontecera?

Como uma resposta, veio-lhe à mente o acidente do dia anterior que lhe rendera um amassado no para-lama e uma roda entortada. Aquele imbecil, sem noção de espaço, que acha que a rua é só dele (quantos desses não há por aí?) acertara seu carro e fora embora rindo, como se nada tivesse acontecido. Ah, se tivesse um revólver... Desejara estar sozinha no mundo. Não aguentava mais barbeiragens, falta de educação, disputa de espaço. Queria ficar só. Desejou com tanta força, com tanta intensidade que, de alguma forma, conseguira.

A euforia transformou-se em desespero. Apertou bem os olhos na tentativa de acordar. Era um pesadelo, só poderia ser. Abriu os olhos e o nada continuava lá. Tentou desejar que tudo voltasse ao normal, mas seu medo não tinha a mesma força que seu ódio.

Não sabe ao certo quanto tempo ficou parada em frente ao carro. Sabe que, agora, sim, todo dia será sempre igual.



CURIOSA ESTÓRIA DE UM CERTO NEGUINHO

por Filipe Jordão Monteiro

VOCÊ NUNCA OUVIU falar de Neguinho? Mas ora... Neguinho era um rapaz muito conceituado aqui na comunidade. Por aqui, a criança cresce ouvindo a estória dele, e não há morena que não suspire de saudade ao passar na frente daquele barraco azul.

Mas vale explicar: de pele, Neguinho não era preto não. Neguinho era apelido, nome de deboche. Ele era branco que nem cal de pedreiro,

apesar de ter nascido completamente crioulo. Não se espante. Filho de marinheiro com doméstica, Neguinho saiu negrinho de tudo. Mas mal saíra do ventre e sua mãe acabou derrubando-o numa tina de aguarrás, que desbotou toda a melanina de Neguinho.

Sua mãe, sem demora, despejou tudo na sarjeta que passava do lado do barraco, pois a água ficou tão preta, tão preta, que nem refletia mais sua imagem.

E olha que o negrume foi descendo, descendo... Foi pretejando todo o caminho. Lembrome de que toda viela por que o caldo passava ficava imediatamente tingida, e era até bonito quando o sol batia e dava aquele reflexo brilhante de preto, meio suvinil, do chão do morro.

Porém, o filete foi ganhando velocidade, saiu dos barracos e ganhou a rua. Com o impulso do morro foi entrando na cidade, deu a volta na rua da prefeitura, bateu de frente com a estátua de um advogado rico, entornou para a porta da igreja, desceu a rua da escola, passou por viaduto, desceu ladeira, subiu escada, entrou em contramão e quando foi ver era uma pororoca só. Onde passava ficava aquele filete tingido, intransponível aos nossos olhos e ao nosso entendimento. E não havia sabão, xampu ou detergente que limpasse a mancha que ficava, que era como uma tatuagem, uma cicatriz cortando a cidade ao meio.

No final do trajeto, no último alento da força da inércia do morro, o filete pingou no rio. Uma única gotinha bastou para tingir todo ele. Aí não teve jeito, o pessoal do Iate Clube fez protesto e o prefeito jurou tomar providências: coar a água do rio e devolver todo o negrume pra favela.

E o pessoal daqui até agradeceu. O prefeito que havia prometido asfalto disfarçou muito bem a rua com a tinta de Neguinho, e foi uma festa ver a cidade devolver toda a pretidão pra

cá. Muita gente não gostou, é verdade, até porque não entendia o nome que o morro acabou ganhando: Morro do Ébano. Dizia que aqui não é tão bano não, apesar da camaradagem, e que a prefeitura queria mesmo era enrolar a falta de saneamento.

Devido a tudo isso, Dona Quitéria jurou nunca mais virar nada na sarjeta. Neguinho concentrara em si toda a cor de seus antepassados, tão concentrado quanto era o esquecimento secular de seus sofrimentos.

De qualquer forma, todo mundo foi se acostumando com aquele branquelo sara-rá brincando entre os barracos, soltando pipa, rodando pião e correndo da polícia como qualquer criança normal.

Dizem que houve um certo poetinha que chamou para si o título de branco mais preto do Brasil, porque por dentro era um piche só. Neguinho, por outro lado, foi o preto mais branco, e não pense que por dentro era algodão! Ao contrário, Neguinho continuava tão preto por dentro que quando estava contra a luz ficava com um tom meio cinza, como tomado por uma sombra que jamais o abandonaria.

E foi indo assim. Cresceu magrelo, galanteador, fazendo bico aqui e ali. Onde mais se deu bem foi no sinal, vendendo bala.

E de bala em bala, certa noite acabou levando uma da polícia. Disseram que foi sem querer, aquela estória de bala perdida que acabam encontrando no corpo do pessoal aqui do morro.

Foi uma perda terrível, um chororô só. Seu Moacir liberou as garrafas do boteco para quem quisesse afogar as lágrimas. Teve morena descabelando-se toda com a notícia, e Dona Quitéria, coitada, era só tristeza. Mas depois de um tempo

a poeira baixou, deixando à mostra a resignação, e com ela veio – como sempre – a certeza de que a vida continua.

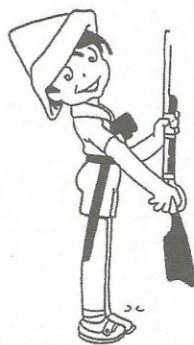
Mas o que se seguiu logo após a morte de Neguinho, antes de todo o choro e desespero, integra a curiosa estória desse nosso compadre: do furo da bala escorreu um filete de sangue, bem fino e tímido, que desceu o meio fio e foi seguindo a rua. Vagarosamente chegou à esquina, virou à direita, seguiu a rota da favela. Contornando árvore, subindo muro, cortando beco, dobrando lata, pingando de tapume, escorrendo

de escada... chegou até o pé da cama de Dona Quitéria. Esta, sem pensar, tratou de jogar um balde de água no chão do barraco. O destino acabou sendo a sarjeta, por onde a água foi descendo o morro e engrossando, levando consigo a marca do sangue de Neguinho.

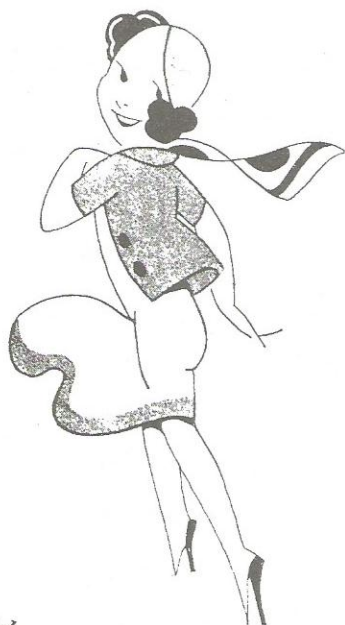
A cidade acordou vermelha, tão vermelha quanto Neguinho era preto.

No final, tudo continuou na mesma. Aqui o pessoal nasce, cresce, reproduz-se e morre, igualzinho no bairro rico. Muita gente reclama, mas não é lá tão ruim assim. Apesar de difícil, a gente se lembra com saudade do passado, das dificuldades, dos bate-bocas, dos risos e dos velórios, o que significa que a vida não é tão mal, ao contrário, é uma vida boa. Às vezes penso que o Morro do Ébano é o melhor local para se viver, e jamais trocaria este pedacinho de chão por todo o dinheiro do mundo. Muita gente sai daqui e volta logo na primeira oportunidade, não tem jeito.

E saudade de Neguinho? Imagina! Eu o vejo em cada canto da favela, em cada canto da cidade, em cada viela escura, em cada meio fio, em cada escada ou viaduto. Ou você acha que conseguiram limpar a melanina do chão?



MINÚCIA



por Leandro Las Casas Moreira Alves

PARA HOMENS desatentos e desavisados, Minú não é uma só. É complicada e devoradora em demasia. É assustadora.

Nos bares, é prolixa, prolífica e etílica. Por vezes, teimosa. Na rua, é ligeira e atenta. E diz saber das coisas.

Anda na madrugada como quem devora asfalto e tempo, tudo de uma vez. Aliás, um dia desses, cairá feio, mas não vai se importar: dar de ombros também é uma especialidade sua.

Beija quando quer, mas bate em homem chato. Definitivamente também não é flor que se cheire. Ou melhor, flor que se cheire sempre.

É confusa também, vale dizer. E não só por ser tudo numa só, mas porque às vezes não se dá conta do que é. Às vezes nem sabe quem é e o que quer.

Mas quem sabe ler minúcias, sabe ler Minú. Ela não é como outra mulher, já que nenhuma mulher é como outra. Mas é tão mulher quanto todas: tem finitude imensurável e inigualável.

Aos desavisados, mulher não tem fim. E Minú é mulher, simples assim.

QUE PENSEZ-VOUS DU RYTHME DE LA VIE QUOTIDIENNE?

por Sonia Gallo

IL PARAÎT EVIDENT que la vie d'aujourd'hui est la continuité de celle d'avant. On l'imagine même comme une trace qui a commencée dès la préhistoire et que jusqu'à maintenant n'ait pas s'arrêtée en apportant avec elle maintes conséquences.

Dès sa naissance, l'homme cherche améliorer sa façon de vivre. De là tant de choses découvertes, inventées et fabriquées. Ce processus d'influence et de recherche lui a apporté une autre façon de voir et vivre sa vie quotidienne.

Mais il s'est perçu au milieu de ces inventions. Plus il découvre plus il est esclave de ces découvertes.

Bien que ce côté négatif de la vie moderne puisse lui faire peur, il lui faut continuer dans le monde de recherche parce que l'être humain nécessite d'étudier l'inconnue pour que sa vie ait un sens et un but. Alors, il faut le comprendre quand plongé dans son travail il ne voit que celui-ci. Il court contre le temps qui est extrêmement court pour profiter de tout ce qu'il y a à son bénéfice.

À mon avis, il y a l'influence des temps dans tous les domaines. Les voies de communications font ces rôles, bombardent l'homme d'informations et de tension.

Et pourtant on ne peut pas simplement tout ignorer même que ce soit en detriment d'un monde plus naturaliste. On a toujours vécu des périodes de transitions et nous y sommes, seulement que le mot d'ordre est un autre «vitesse».

ALVA ROSA



por Cinthia Adame

A LEMBRANÇA DO PRIMEIRO AMOR é tão inocente e tenra quanto a primeira sensação do algodão doce esfacelando-se açucaradamente na língua infantil. A primeira vez que vi Rafael, não o achei nada angelical, era apenas um moleque maltrapilho e sujo que andava com meu irmão na primeira fase do crack e das drogas menos pesadas. Não suportava aquele fulano para ser sincera e só precisava de um pretexto para revelar minha apatia por ele. Um dia, quando resolveu tomar posse da minha caneta marca texto, não hesitei em prensá-lo numa parede e fechar as mãos para esmurrá-lo, mas minha ferocidade esmagadora foi detonada pelo seu par de olhos cor de esmeralda, tão profundos e tristonhos, vivos e luzidios. A caneta foi solta e nossos corações se entrelaçaram naquele segundo que se eternizou.

No auge dos meus dez anos, dividia meu tempo entre brincar com minhas bonecas, ir à escola e conversar com Rafael todo fim de tarde. Minha mãe não gostava muito do meu contato com ele; o seu coração materno certamente adivinhara certo perfume mais inebriante naquela amizade pueril, e ademais, ele não era uma boa companhia para ninguém, muito menos para uma menina. Rafael era filho de um dos traficantes da cidade e, além de ser um dos encarregados do seu progeni-

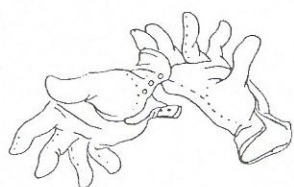
tor, saboreava os frutos que aquele lhe confiava. Além de todos esses dotes, Rafael tinha como hábito, mania, ou doença, furtar pequenos objetos. Todas as vezes que ele retornava das sessões de psicoterapia, presenteava-me com canetas diferentes; nunca tive coragem de não aceitar os seus mimos, mesmo depois da advertência de minha mãe sobre a origem de tais objetos. Roubados ou não, demonstravam o carinho de Rafael por mim e era tão grande quanto a afeição que eu nutria por ele.

Depois de algum tempo, Rafael decidiu morar com sua mãe em outra cidade. Lembro-me, com exatidão, do nosso reencontro. Estava no meu quarto com uma amiga, preparando-me para ir à escola, quando ouvi a voz dele. Meu coração disparou, quando ele perguntou por mim e disse à minha mãe:

— Senti muitas saudades da senhora, mas de quem eu senti mais saudades foi da sua filha.

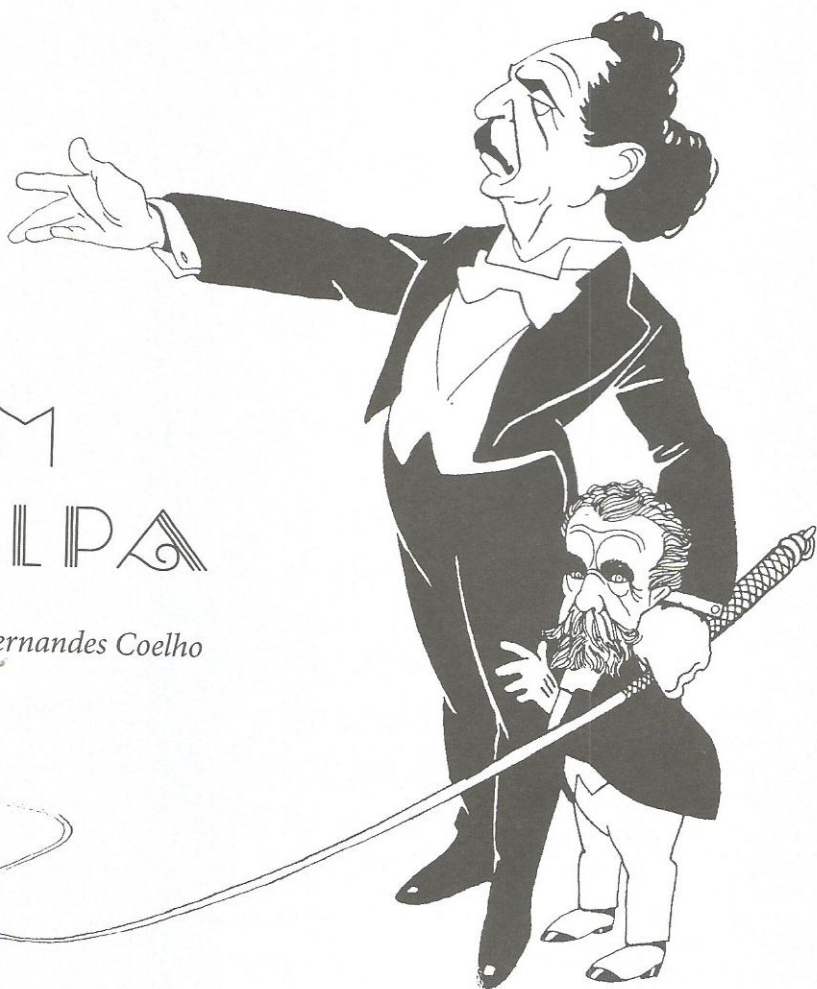
Deparei-me com ele na sala, tinha um sorriso tímido estampado nos lábios e trazia consigo uma rosa branca a qual me entregou silenciosamente, enquanto nossas mãos desocupadas se entrelaçaram fervorosamente, fruto do afeto e da saudade.

Depois de tanto romantismo, nunca mais soube dele. Cheguei a ouvir alguns boatos sobre sua provável morte, mas prefiro acreditar que não seja verdade. Prefiro manter os olhos, o sorriso tímido e a rosa branca de Rafael vivos dentro de mim para sempre.



SEM CULPA

por Magali Fernandes Coelho



MAIS UMA VEZ fitei as grades da cela. É sempre assim que termina meu fim de semana após a visita de meus pais. Deixo de lado os livros e revistas trazidos para o meu passatempo. Minha única distração aqui é relembrar tudo o que aconteceu. Lembro como se fosse hoje, quando pela primeira vez lancei sobre Ricardo um olhar diferente. Até então havia enxergado nele mais um empregado da casa; porém, tudo mudou, quando, em um fim de semana em que fomos todos à praia, minha mãe cismou de levar sua cozinheira preferida, D. Cecília, e, portanto, levar também seu filho, Ricardo. Minha mãe sempre o elogiou pelo seu comportamento exemplar. Ricardo estudou em escola pública e era o melhor de sua turma. Eu sempre estudei em colégios particulares renomados e

nem sempre fui bom aluno. As comparações de meus pais entre mim e Ricardo, até certo ponto, nunca me incomodaram. Mas quando entrei na adolescência, não podia suportar os elogios que ele recebia; passei, então, a tratá-lo com indiferença, como se ele não existisse. Ricardo retribuiu com a mesma indiferença - e assim ficamos até aquele domingo na praia.

Assim que chegamos, resolvi dar um mergulho. O dia estava quente e o mar agitado. Meu pai preveniu-me quanto a isso, mas, como sempre, não lhe dei ouvidos. Mergulhei fundo. Fundo demais. As ondas estavam mais fortes do que eu pensava e comecei a afundar, cansado de tentar voltar à praia. Entrei em desespero, debatia-me na água sem nenhum efeito. De repente, alguém me puxou até a praia. Era Ri-

cardo. Fiquei surpreso quando o reconheci. Ele me disse que também resolveu dar um mergulho e viu quando eu comecei a me afogar. Senti um misto de gratidão e raiva. O bom moço pobre tinha agora mais um motivo para ser o herói. Mal consegui lhe dizer obrigado; pensei em deixar aquilo só entre nós, mas D. Cecília havia seguido o filho até a praia e vira tudo. Em pouco tempo, estava no hotel, negando ir ao hospital e ouvindo a torrente de elogios e agradecimentos que Ricardo recebia, sorridente, de meus pais. A gratidão que eu sentia por ele ter salvado minha vida era bem menor que a aversão.

Desse dia em diante, virou quase obrigação minha ser amigo de Ricardo. Meus pais me forçavam a mostrar uma gratidão que, para mim, era excessiva e exasperante. Chegaram a ponto de visitar a casa dele, um casebre de tijolos e tábuas numa favela próxima. No início, não gostei daquele lugar, cheio de ruas estreitas e becos escuros. E quando Ricardo me levou para conhecê-lo melhor, senti medo e adrenalina ao mesmo tempo. À noite, nas festas que comecei a frequentar na favela, descobri uma sensação diferente das boates chiques que frequentava com meus amigos da universidade. A pobreza aparente daquelas pessoas não impedia sua alegria. Fiz vários amigos na favela; Ricardo apresentou-me todos, exceto Jorge, que conheci quando procurava bebida. Ele me ofereceu algo muito melhor: crack. A princípio, não quis aceitar, mas como já tinha fumado maconha no colégio, resolvi experimentar. A sensação foi indescritível. Fiquei a noite inteira no morro e depois, sempre que ia lá, o crack era a primeira coisa que eu procurava. Acabei me afastando novamente de Ricardo; se ele soubesse do meu vício contaria tudo aos meus pais.

Jorge agora era meu melhor amigo. Para ter mais dinheiro, comecei a vender crack na Universidade. O lucro que consegui surpreendeu Jorge. Muito dinheiro e muito rápido; dava-lhe a metade. Mas, de repente, Ricardo me procurou. Disse que descobrira tudo e queria contar aos meus pais. Esse foi seu pior erro. Um pavor intenso de perder meu lucrativo negócio me fez procurar Jorge. Ele poderia dar um jeito. Não quis saber detalhes; apenas lhe prometi muito dinheiro. Uma semana depois, Ricardo desapareceu. Foi encontrado, horas depois, morto com vários tiros. D. Cecília foi parar no hospital; meus pais pagaram um velório digno a ele, velório ao qual compareci e permaneci impassível. Só conseguia pensar na esperteza de Jorge: fez tudo no mesmo dia em que houve uma batida policial na favela, assim todos culpavam a polícia. Meu negócio estava salvo, pois, mesmo morto, Ricardo roubou todas as atenções para si. Dois anos depois, porém, fui pego na estrada, com o carro cheio de drogas. Os policiais desconfiaram do meu nervosismo. Acabei preso e meus pais ainda não conseguem acreditar direito que seu filho é um traficante, mas não sabem nada sobre Ricardo. E espero que nunca saibam. A lembrança do rosto de Ricardo é vaga em minha memória e não sei até que ponto o crack é responsável por isso; quando penso nele não consigo sentir muita culpa, assim como não consigo sentir muita gratidão por ele ter salvado minha vida. Espero o dia em que sairei desta prisão, não sei se para continuar a vender drogas, mas para, com certeza, ficar longe de pessoas como Ricardo.



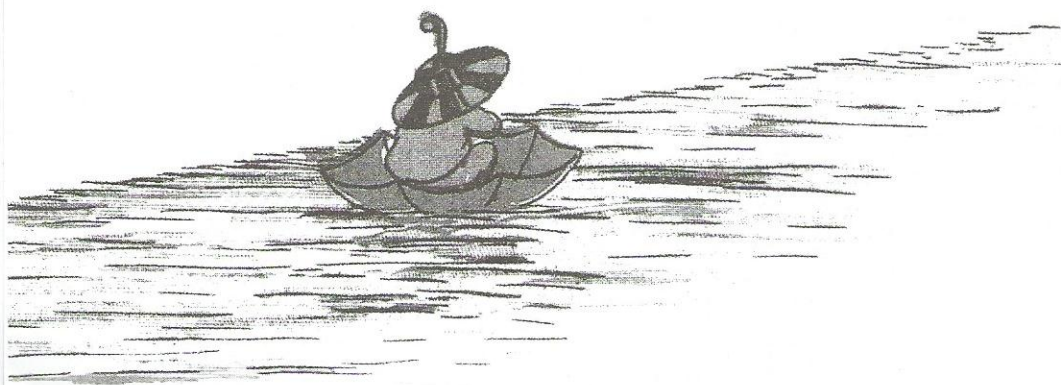
PAULO

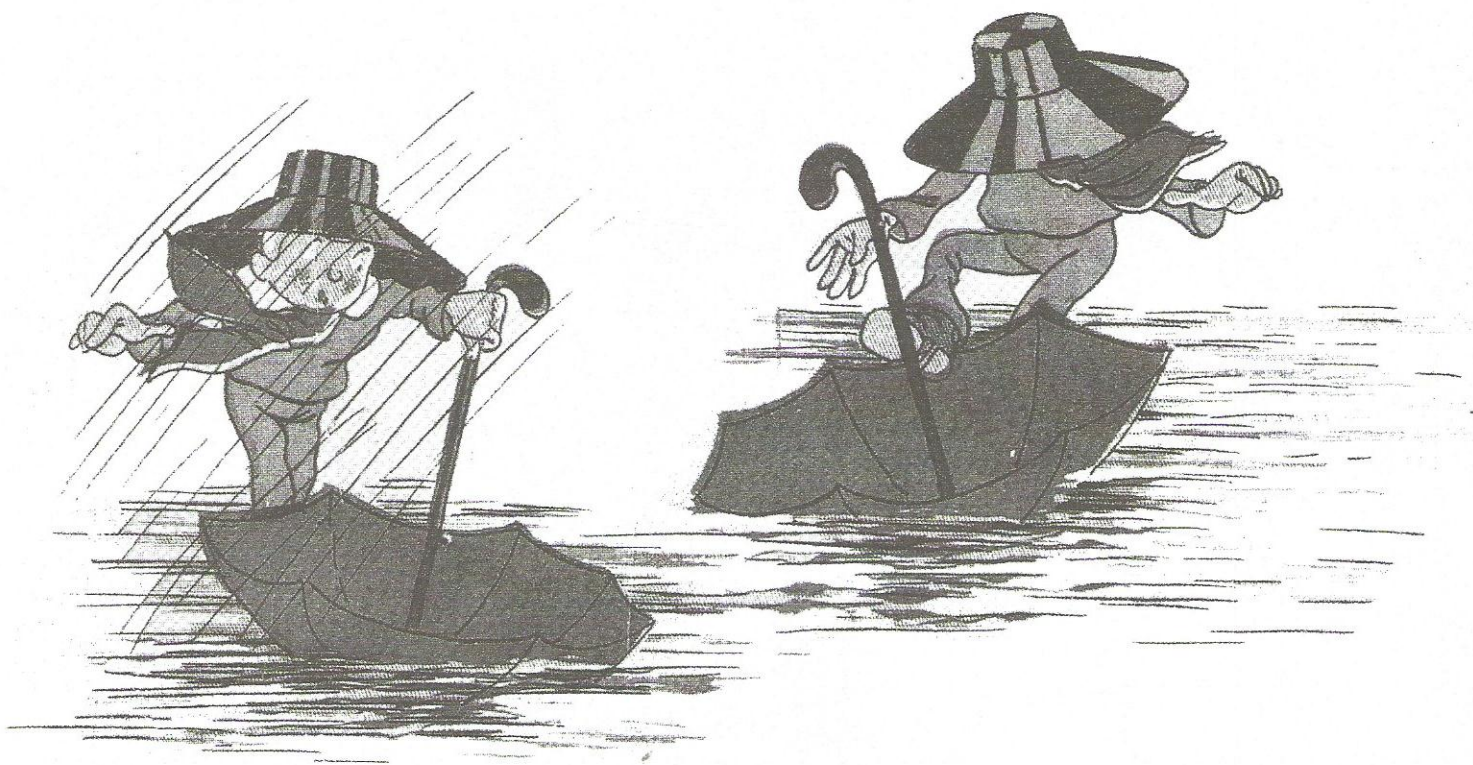
por Alfredo Passini

O CONGESTIONAMENTO vai-se acentuando, a estrada está no fim e o automóvel, diminuindo a velocidade, avança pela Marginal. A poluição, o visual acinzentado e o clima pesado do ambiente predominam por toda parte, e pouco a pouco a buzina irritadiça dos veículos mistura-se a outros tantos sons longínquos num amálgama de ruídos ensurdecadores. A carranca mal-humorada e cansada dos motoristas não deixa dúvidas de que esta é, de fato, a Capital. A altura infinita dos edifícios atingindo as nuvens cor de chumbo inviabiliza a visão do topo deles; o cheiro de enxofre e de outros produtos químicos provenientes das incontáveis indústrias que se avizinham umas das outras – construções retangulares, rústicas e mal-acabadas, recobertas com uma pintura, cuja cor é impossível de se definir – junta-se ao odor fétido do Tietê, aumentando ainda mais o mal-estar dos motoristas, que, impacientes, acumulam seus veículos, uns atrás dos outros, em filas quilométricas. A umidade da garoa que cai incessantemente – marca registrada desse caos – esfria o corpo, enrijece as mãos

e as almas das pessoas. Essa é, realmente, a Selva de Pedra.

Detendo-se na visão da passagem do entardecer para a noite, desse turbilhão que compõe uma sociedade de pessoas cultas e intelectualizadas, entre tantos outros tipos diversos e esquisitos, quando motoristas, fatigados retornando de mais uma difícil jornada de trabalho, pensarão no atalho que os conduzirá às suas residências, inúmeros caminhos são possíveis, uma vez que a cidade comporta uma quantidade enorme de bairros, conforme o padrão e o poder aquisitivo de cada indivíduo: Pinheiros, Centro, Jardins, Vila Matilde, Freguesia do Ó, Tatuapé, Mooca, Lapa, etc. É impossível enumerar a infinidade de bairros que a cidade abrange. É muito estranha essa metrópole: apesar de extremamente hostil ao estrangeiro que vem de todos os lugares, mesmo das regiões mais distantes do país em busca de uma oportunidade na vida, ela abriga as mais diversas comunidades de origens distintas. Os judeus ricos de Higienópolis, os japoneses da Liberdade, os italianos das cantinas do Bexiga,





e tantos outros agrupamentos que – resistentes – fixaram seus lugares nessa terra inóspita e dispersiva, onde os vizinhos mal se conhecem. Quem consegue ali se estabelecer, não sendo um nativo, é um Forte.

A noite escura permite visualizar as placas e letreiros luminosos, de cores vivas, dos teatros, bares, restaurantes e de tantos outros “inferni-nhos” que se aglomeram por todos os lugares buscando seduzir e atrair a atenção – e o dinheiro – dos passantes.

Numa visão panorâmica dessa imponente metrópole, é possível constatar os inúmeros paradoxos que nela convivem, lado a lado: de uma parte, o charme e a elegância da Avenida Paulista – o coração pulsante de um centro nervoso – com o Museu de Arte – uma referência internacional – e a suntuosidade supérflua das mansões e pré-

dios residenciais da sociedade mais abastada dos Jardins; de outra, o lado “baixo da Augusta” com toda a podridão escura dos bares, dos botecos e das almas deterioradas dos cafetões, prostitutas, marginais, traficantes e mixes, entre tantas outras deformidades humanas: o centro, que agrega todo um conjunto de miséria humana e material.

Tanta disparidade convivendo em harmonia ambígua, numa cidade ao mesmo tempo assustadora e fascinante, cheia de encantos a serem descobertos, e de cuidados a serem observados, sempre,

constitui um verdadeiro mistério, que se torna ainda mais intrigante pelo fato de que, além de seus habitantes nem sequer pensarem em mudar para outro local, eles amam, convicta e categoricamente, essa cidade, que a todos exige respeito. É impossível explicar São Paulo.

Quem consegue ali se estabelecer, não sendo um nativo, é um Forte



MACUNAÍMA

*Lugar de encontro das culturas que integram a
identidade brasileira*

por Claudenir de Souza

O DESENVOLVIMENTO deste romance desperta a curiosidade e o interesse do leitor, uma vez que a sua narrativa está repleta de mitos e superstições do universo indígena brasileiro, elementos esses “plagiados” por Mário de Andrade não só das obras do etnógrafo alemão Koch-Grunberg, como também das do brasileiro Capistrano de Abreu, confissão feita pelo próprio autor. A começar do personagem central – Macunaíma – que nasceu de uma velha índia na aldeia Tapanhumãs, bem dentro da verde floresta amazônica.

Seu nascimento causou espanto a todos, porque o menino era preto como a escuridão da noite. Desde muito cedo, tinha muita preguiça, mas preguiça de não aguentar mais, mesmo! Gostava de fazer três coisas: de passar a sua mão nas cunhas das cunhantãs, enquanto mergulhava; de ver a família nua banhar-se no rio; de fazer mal para os outros. Isso ele fazia com toda a perfeição. Por causa da preguiça, principiou a falar com a

idade de seis anos e ainda porque o chefe da tribo dera-lhe de beber uma água benta em cuia especial.

Macunaíma, quando criança, passava o dia todo na floresta em companhia de Sofará, sua cunhada, mulher de Jeguê, seu irmão mais moço. Gostava muito de ficar no mato. O que ninguém suspeitava era de sua transformação em um lindo moço, após banhar-se na água mágica do rio. Em seguida, “brincava” com Sofará até o pôr do sol, retornando para a aldeia, montado nas costas da cunhada, como “criança”. Jeguê, desconfiado daquele sumiço diário, foi atrás dos dois e viu tudo...

O tempo de fartura na tribo fin-

dara e o desespero tomou conta de seus habitantes. A fome era tão grande que Macunaíma saía para caçar bem dentro da mata, onde, de repente, vê um javali correr em sua direção. Apavorado, atirou sua flecha certa e matou o bicho. Quando se aproximou do animal, percebeu, desesperado, que havia matado sua mãe. A tragédia estava completa. Desgostoso da vida, retorna à tribo e relata o sucedido aos irmãos. A tribo ficou desolada; então, os três irmãos caíram no mundo.

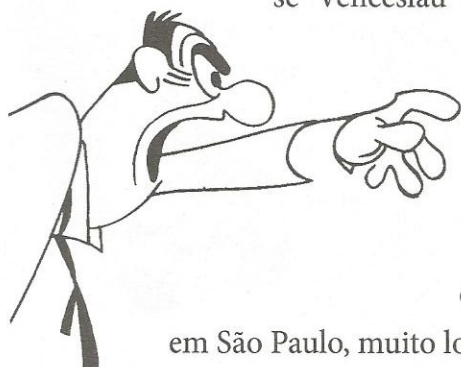
Eufóricos, caminharam em meio à vastidão verdejante da floresta. Macunaíma “brincou” tanto com Ci, a mãe do mato, que se apaixonou por ela. Ci retribuiu esse amor confiando-lhe todos os segredos da floresta e ainda lhe ofe-

receu uma grande pedra verde. Com isso, Macunaíma torna-se o ser mais poderoso daquele universo. Mas Ci falece após ter parido um filho, porque a cobra preta veio à noite e sugou seu leite, que secou completamente. Para piorar a situação, perdeu a sua adorada grande pedra verde, após ter perdido a mulher e o filho. Um homem roubou-lhe sua Muiraquitã, segredaram-lhe os bichos da floresta, condoídos de

seu desatino. Esse homem chamava-se Venceslau Pietro Pietra, um

grande colecionador de pedras preciosas e também comedor de gente. Morava

em São Paulo, muito longe dali!



Quando Macunaíma saiu dessa água notou que havia se transformado em um lindo moço, loiro e de olhos azuis

Macunaíma chama, então, os manos e ruma para a grande cidade, a fim de resgatar a pedra verde, única lembrança de sua história de amor com Ci. Quando aproximaram-se da grande São Paulo, Macunaíma foi logo mergulhando em uma poça d'água, que representava o formato do pé do primeiro jesuíta que por aqui passara. Quando Macunaíma saiu dessa água notou que havia se transformado em um lindo moço, loiro e de olhos azuis. Seu irmão mais

moço, notando aquele milagre, mais que depressa se jogou na poça. Qual não foi sua decepção quando saiu dela mulato, porque havia na poça pouca água, e suja. Já seu irmão mais velho, quando entrou na poça, havia água o suficiente para molhar somente as palmas das

mãos e as solas dos pés, que ficaram brancos, continuando o restante do corpo negro. Com essas características, os irmãos entraram na cidade vulcânica.

Macunaíma e os seus irmãos, ao encontrarem o gigante comedor de gente, travam com este um combate espetacular, recuperando, de forma fenomenal, sua adorada Muiraquitã. Depois da luta e de posse da pedra, retornam à terra natal, mas ao chegarem lá não havia mais tribo.

O que impressiona nessa obra é a herança cultural africana que o autor observou quando frequentava a casa da mãe de santo, Tia Ciata, no Rio de Janeiro. Ao documentar todos os fatos importantes que se desenvolveram naquele espaço sugeriu-nos que o que ocorria lá era uma espécie de síntese da identidade do povo

brasileiro. Portanto, seria impossível compreender tal complexidade sem qualquer contato, por menor que seja a cultura africana transposta para o Brasil.

Macunaíma existe como livro há 71 anos. Após quatro leituras e depois de ouvir especialistas, cheguei a algumas conclusões: uma de minhas leituras, em voz alta, fez-me perceber que a narrativa é toda musical, como se fosse uma rapsódia. Embora o texto seja escrito em prosa, e não em versos, contém muita poesia. Descobri que essa poeticidade é que dá musicalidade ao texto, o que não é de se estranhar, já que Mário, além de escritor, tinha formação musical. Também observei que a obra tem uma lógica própria: sua narrativa se inicia no Amazonas, depois, vem para a cidade, retornando para o meio do mato. Mas o que mais me chamou a atenção, não foi a reverência com que o autor descreveu aquela floresta, e sim o fato de uma índia encarquilhada, personagem essa que representou os primeiros habitantes do país, dar a luz a um filho que recebeu o nome de Macunaíma. Sabe-se que Macunaíma é um dos personagens da mitologia indígena. E o mais curioso é que esse filho resistiu bravamente em nascer, tanto é que veio ao mundo com seis anos, recusando-se a estabelecer qualquer tipo de comunicação. Para mim, essa resistência é muito significativa, porque o negro não escolheu viver neste país. Sabemos que ele foi brutalmente arrancado de sua terra e submetido às maiores crueldades. Mário soube expressar a dor desse povo como ninguém, ao mostrar, nas entrelinhas, o longo período de gestação vivido pelo personagem e também a sua recusa em se comunicar.

Chamo a atenção para um dos aspectos que considero de maior importância no romance, ou seja, a questão do homem europeu, o tercei-

ro elemento que teve influência na formação do povo brasileiro. A África é sabidamente o berço da civilização humana. Assim, o homem europeu branco, em teoria, veio de lá também. Mas é importante frisar que o autor faz uma ressalva ao falar desse terceiro componente. Assim, não tem sentido a existência do homem branco sem sua origem africana. Justifica esta minha impressão a passagem do livro que descreve o momento em que Macunaíma mergulha na água limpa e se transforma em um lindo moço, loiro e de olhos azuis. Com base nessa tese, concluo que todos os seres humanos são filhos da África e que a “miscigenação” acompanha o homem desde sua origem.

Recomendo Macunaíma aos estudantes do Ensino Fundamental e Médio, considerando seu teor provocativo no que diz respeito à abordagem das culturas que integram a nossa identidade. Para construir essa ficção, o autor lançou mão de aspectos folclóricos/culturais do homem brasileiro, a partir de suas pesquisas etnográficas e bibliográficas. Mais: O professor deve passar para o aluno toda a beleza, a complexidade, a riqueza de informações que a obra contém e o prazer da leitura de uma grande aventura humana, fazendo-o compreender, com alegria, humor e poesia, todos os aspectos da formação do homem brasileiro.

Fonte: MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER, Mário de Andrade, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1976, 12ª edição.



Profa. Drá. Maria Inês Ghilardi Lucena
Diretora da Faculdade de Letras
Centro de Linguagem e Comunicação
PUC-CAMPINAS



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

FACULDADE
DE LETRAS